Conferência Internacional de Missões

MADRASTA — DEZEMBRO, 1938

A MISSÃO MUNDIAL DA IGREJA

Conclusões e Recomendações

1940

Confederação Evangélica do Brasil

AVENIDA ERASMO BRAGA, 12 — RIO DE JANEIRO

CONTEUDO

INTRODUÇÃO

E' com prazer que apresentamos ao Evangelismo Brasileiro uma edição resumida do relatório da Conferência Internacional de Missões, realizada em Tambaram, Madrasta, em Dezembro de 1938.

Congregaram-se naquela cidade, sob os auspícios do Conselho Internacional de Missões, 471 delegados, representando 69 países.

O Conselho Internacional de Missões foi organizado em virtude dos trabalhos da Conferência Internacional reunida em Edimburgo, em 1910.

Desde 1920 que o Conselho Internacional está concorrendo efetivamente para a realização de movimentos ecumênicos, entre os quais se destacam a Conferência de Jerusalem, em 1928, e a de Madrasta, em 1938.

O relatório dos trabalhos da Conferência de Madrasta, em inglês — "The World Mission of the Church", enfeixa estudos subsidiários que não constam deste volume. Aqui publicamos as conclusões da Conferência e algumas das teses que, a nosso ver, têm maior atualidade para a obra no

Brasil, e estudos especiais dos nossos delegados àquele Congresso.

Que a brochura dê ao Evangelismo Brasileiro uma nova visão das grandes possibilidades que a Providência lhe depara e das responsabilidades que delas decorrem, são os votos da

Confederação Evangélica do Brasil.

A IGREJA SE MOBILIZA

H. P. Midkiff.

As águas do poço de Betesda, quando movidas por um anjo, tornaram-se curativas. Os discípulos de Jesús, movidos pelo Espírito Santo, tornaram-se a Igreja, instrumento nas mãos de Deus destinado à cura das nações. Consagrados, e unidos em oração e esforço, se dedicaram à continuação daquilo que Jesús começara a fazer e ensinar. Esse é o vero empreendimento de todo vero cristão, qualquer que seja a sua maneira de ganhar a vida.

Enquanto a Igreja foi fiel à sua missão, abalou o mundo, pois estava armada com a espada do Espírito, que é poder de Deus. As próprias perseguições aumentaram a sua influência, pois foi fiel, — e Deus é fiel no cumprimento de suas promessas. Tornando-se poderosa, porem, após gerações de luta, e gozando de incomparaveis privilégios na sociedade, tornou-se fraca, pois lançou mão de meios materiais e começou a confiar em

pomposas cerimônias, em sua autoridade exterior e mesmo na autoridade civil. Tornou-se dividida, mundana, fraca.

Mas o Espírito de Deus nunca a abandona, e parece que ela de novo responde ao seu chamar. Entre muitas evidências de seu despertamento, podemos destacar a realização de conferências mundiais para francamente enfrentar as suas fraquezas e faltas e estudar como pode melhor voltar ao primitivo poder espiritual num mundo espiritualmente falido. Em Edimburgo, em 1910, realizou-se uma conferência missionária mundial da qual resultou a organização do International Missionary Council. Este já realizou duas conferências mundiais, uma em Jerusalem em 1928, e outra em Tambaram, perto de Madrasta, Índia, em 1938. Foi nosso privilégio assistir a esta.

É impossivel contar a nossa alegria ao sabermos que faríamos parte da delegação brasileira, não só pelo glorioso setor do Reino que havíamos de ajudar a representar, embora indigno dessa honra, mas tambem pelo privilégio de entrar em contato direto com grandes lideres do Cristianismo e participar da obra gigantesca que lhes foi anteposta. Mais que tudo, porem, foi o gozo de sentir-nos partícula da Igreja Universal, ter parte num Concílio Ecumênico, ser célula do Corpo de Cristo em ação. Enquanto exércitos de ambições, de ódio e de destruição se mobilizam, o exército de amor, de boa vontade e de paz tambem se mobiliza para reconstruir a sociedade nas firmes bases de amor ao Pai de nós todos e de amor ao próximo.

Quase 500 delegados (consta terem sido recusados mais de mil, porque os edifícios não comportavam mais) representando quase todas as raças e terras do globo, muitos deles vindo de milhares de léguas de distância, vieram estudar como melhor promover a maior e mais importante empresa do mundo, — o Reino de Deus. "Talvez nenhum outro pensamento estivera tão continuamente nas mentes daqueles que se reuniram em Tambaram como a lembrança de que o seu ajuntamento em si mesmo era um milagre da bondade de Deus". Já se organizaram 26 Confederações ou Conselhos Evangélicos Nacionais, e outros estão em processo de organização. Todos estes foram representados, bem como 69 nações e territórios e mais de 100 línguas!

Foi deveras interessante vê-los juntos, com seus variados costumes. Especialmente variadas foram as duas reuniões sociais, uma em que o Governador de Madrasta ofereceu um chá aos delegados e amigos; e outra em que altos oficiais do Governo e amigos da Conferência foram recebidos por esta. No Oriente, os homens, bem como as mulheres, sabem se vestir! Pareciam um belo jardim andante!

A História Eclesiástica regista sete Concílios Ecumênicos, mas este foi o primeiro, pela universalidade de representação, que se pode realmente assim designar. Deveras é de duvidar se jamais houve outra assembléia tão representativa dos povos da terra, para um fim qualquer. Foi a evidência concreta de que o Cristianismo se torna realmente universal. Havia tambem todas as cores teológicas, litúrgicas, eclesiásticas, desde os Quaquers,

com o seu rito e credo simplíssimos, até a Igreja Anglicana. Foi a realização do vero catolicismo, — mas sem representante da Igreja Católica Romana, que se esquiva de participar de semelhante obra.

Mas como dirigir semelhante assembléia? Não seria um armazem de explosivos? Ajuntamento de "campos armados" para se combaterem? Franceses e alemães, ingleses e indianos, chineses e japoneses, calvinistas e armenianos... pretos, brancos, amarelos... culturas novas... Reunir elementos tão diversos, e em parte até antagônicos, não seria contraproducente? A questão tornou-se aguda quando, devido à guerra, foi necessário desistir de Hangchow na China, que fôra escolhida como sede das Conferências. Parecia a uns que seria prudente aguardar ocasião mais propícia, quando os ânimos estariam menos exaltados pelo super-nacionalismo e pelas guerras.

Felizmente a confiança no poder do Evangelho e no seu Autor levou os responsaveis pela Conferência a enfrentar os perigos todos, e que glorioso resultado e confirmação da fé não se verificou! Em Tambaram vimos como o cristão é superior ao estreito nacionalismo; é cidadão do Reino que transpõe todas as fronteiras, geográficas, culturais, raciais, e de credo. Vimos afinal que tem de ser reconhecido como o único poder que oporá barreira à eminente catástrofe universal. Nada do que se temia aconteceu. Reinou o espírito Cristão. A atitude dos delegados chineses e japoneses é típica. Disseram aqueles: "Nada de amargura há em nosso coração. Estamos orando pelos japoneses". Estes decla-

raram: "Declaramo-nos penitentes pelo que a nossa Pátria está fazendo na China"! Eis o Cristianismo no campo de batalha! Pode o canhão, a metralhadora, o submersivel, ou o aeroplano destruir, ou mesmo atingí-lo? Representantes destes dois países elaboraram uma declaração conjunta que apresentaram à Conferência, na manhã do dia de Natal, e nela, entre outras cousas, afirmam: "O corpo de Cristo é um, no qual, se um membro sofre, todos os membros sofrem... convocamos os cristãos em toda parte a se dedicarem à empenhada oração e esforço para que logo se encontre um meio para terminar estes tempos de aflição... e que uma paz duradoura, baseada no amor, na justiça e nos veros interesses dos povos se estabeleça. Empenhemo-nos em todo o esforço para a eliminação das causas da guerra, para que os povos da terra gozem as bênçãos da paz, da segurança e da liberdade". Foi adotada unanimente. Parece que o Príncipe da Paz vai incarnar de novo! A paixão dele é incarnar-se na sua Igreja. Quando será que ela se prontifica a recebê-lo?

A reunião foi um "milagre da bondade de Deus". Foi a revelação daquilo que o mundo mais necessita hoje. Este espírito não conhece derrota e triunfará uma vez que a Igreja de fato se mobilize, negando-se a si própria, para assumir a sua cruz, cruz dos sofrimentos, das injustiças, do pecado do mundo, para realmente seguir a Cristo para onde quer que ele for! E ele próprio é este caminho.

Mas a Conferência reconheceu as fraquezas da Igreja. Não que por natureza seja fraca, mas porque

não vive conforme a sua natureza divina. É o corpo de Cristo na terra, todavia por enquanto é extremamente limitado pelo elemento humano, que é tão refratário. Quando este se entrega a Deus e busca em primeiro lugar o seu Reino, será tão inatingivel por efemeridades como foi o corpo ressurreto de Jesús. Nele tudo pode e com ele é mais que vitoriosa.

A Igreja está despertando para a necessidade de sanar suas divisões e sua transigência com o mundo. O despertamento e a reforma de outras religiões antigas e antagônicas, e o aparecimento de ideologias rivais, que substituem a religião, levam a crer que meio termos não servem nesta geração. Uma idéia incarnada na vida dedicada vale por mil credos desencarnados. Chiang Kai Check, Gandhi, Kagawa, transformam nações porque *vivem* suas doutrinas. A Igreja tem de *ser* a Igreja, o corpo pelo qual Cristo anda no mundo, ou tornar-se rejeitada, por inutil. A vertiginosa marcha de idéias e acontecimentos demonstra que não há tempo a perder. Há 2000 anos Jesús não tolerava demora. Que diria ele hoje?

O tema central de Tambaram foi a Igreja, a entidade espiritual que se forma na humanidade, quando esta se une com o Divino. A Igreja existe nas igrejas e por elas se manifesta e trabalha para a extensão do Reino de Deus sobre toda a terra. Não se cogitou do engrandecimento da Igreja, muito menos de qualquer das igrejas. Representantes destas se reuniram para chegar a um acordo quanto aos próximos passos que Deus quer que a Igreja tome. A Conferência estudou o que é a

Igreja, "a fé pela qual ela vive; a natureza de seu testemunho; as condições de sua vida e extensão; a relação que tem que manter com o seu meio, e o aumento de cooperação e solidariedade dentro de si própria". Como se vê, foi vasto o programa da Conferência... Dividiu-se em 16 secções, cada qual estudando um assunto. Os relatórios de todas foram discutidos em plenário, e assim revisados, constituem o relatório da Conferência. Este deve ser lido e estudado pelos crentes que se interessam, pela vinda efetiva de Cristo na vida humana.

Não se desprezou a necessidade da aplicação social do Evangelho, e mesmo se criticou a Igreja pela estreita interpretação que muitas vezes tem feito, tornando-se indiferente às injustiças da sociedade, esquecendo-se que o Evangelho deve transformar, informar e inspirar a vida em todas as suas modalidades, desde o lar, a indústria, o comércio e o próprio Estado. Este não pode superar a autoridade de Deus, revelada na sua Palavra e interpretada pela conciência esclarecida.

Por outro lado grande ênfase se deu à necessidade da regeneração do indivíduo, remido por Cristo. "Nossa mensagem é que Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo". O alvo e a finalidade de nossa obra evangelística não se alcança até que todos os homens em toda parte forem levados ao conhecimento de Deus, em Jesús Cristo, a uma fé salvadora nele".

A Conferência estudou as grandes áreas espirituais e geográficas ainda não evangelizadas; como deve enfrentar as outras religiões; como desenvolver a sua própria espiritualidade de comunhão mística com Deus;

como chamar e preparar um ministério adequado aos magnos problemas de hoje; como suprir as grandes lacunas de literatura cristã; o provimento dos recursos financeiros para a missão mundial da Igreja, sua relação com o internacionalismo, e com o Estado.

O décimo-sexto tópico foi a Cooperação e a Solidariedade. Por um lado, as experiências da eficiência grandemente aumentada pela cooperação indicam que é absolutamente necessário estender essa cooperação. Muitas das igrejas novas não querem absolutamente continuar as divisões que herdaram dos missionários. Mas o problema não é de facil solução. Anos inteiros têm sido consagrados ao estudo de um plano de união das igrejas no sul da Índia. União forçada, porem, ou mesmo prematura, é contraproducente. Todavia, a solidariedade desde já se pode desenvolver. É deveras imprecindivel. "Quanto mais perto de Cristo, mais juntos andaremos". A medida de nossas divisões é a medida de nosso afastamento dele. Temos que eliminar o quanto antes as barreiras à plena fraternidade e cooperação. O corpo de Cristo não se pode dividir.

Erguei-vos cristãos! Erguei a vossa Cruz! Buscai primeiro o Reino de Deus! Consagrai a vossa vida, o vosso dinheiro e os vossos filhos a esse alevantado ideal!

ORGANIZAÇÃO DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE MISSÕES DE MADRASTA, ÍNDIA

Otília de O. Chaves.

Os dezoito dias de trabalho intenso verificados em Madrasta, de 12 a 29 de dezembro de 1938, foram o ponto culminante de longo processo de preparação prévia, que durou cerca de três anos. Grupos de cristãos, em vários paises, reuniram-se para estudar os planos de organização, e várias comissões trabalharam com afinco em pesquisas, observaões e estudos que constituiram a imensa bagagem de material literário que foi fornecido aos delegados pela Comissão Central. Aqueles que foram eleitos em condições normais e no devido tempo, receberam, com antecedência, todo material e puderam inteirar-se devidamente dos magnos problemas da obra missionária que iam ser discutidos. Não assim com os delegados brasileiros que, por circunstâncias de ordem financeira e outras, só foram eleitos nas vésperas de partirem para a Índia. Mesmo assim, côncios de suas grandes responsabilidades, deram-se ao estudo do material que receberam e, aproveitando os quarenta e dois

dias de viagem marítima, fizeram, em companhia de outros delegados argentinos, o mais acurado estudo possivel, dentro das condições.

Chegados à Madrasta, os delegados, depois da formalidade de aquisição de material de cama e objetos de uso pessoal, de acordo com os costumes da terra, foram encaminhados para o Colégio Cristão de Madrasta, situado em Tambaram, sítio aprazivel, nos arredores da cidade, servido por trens elétricos que correm de 10 em 10 minutos.

O Colégio Cristão é fruto da cooperação entre várias sociedades missionárias e igrejas nacionais e o governo da cidade. Foi bastante significativo o fato de instituição de tal natureza abrir suas portas para receber delegados de todo mundo e de tantas Igrejas, honrando assim suas tradições e o princípio de universalidade em que está fundado.

As instalações do Colégio Cristão são modestas, porem confortaveis. Vastos e sólidos edifícios, construidos de modo a satisfazer as exigências do clima estafante da Índia, onde, no verão, suportam até 44 à sombra, formam uma verdadeira vila estudantina. Os dormitórios são edifícios quadrangulares, com alas de varandas abertas e respiradouros em forma de lindos jardins de acássia, tendo cada um o seu próprio refeitório, cozinha, anfiteatro, salas de leitura, etc., e sendo dotados de quartos individuais, atendendo ao costume do povo.

O Colégio conta com cerca de mil alunos, metade dos quais são internos.

A construção do Colégio Cristão obedeceu a um plano técnico, previamente elaborado, e é de ver a maravilha dos seus edifícios sóbrios, simetricamente dispostos por entre alamedas e praças ajardinadas, onde sobresaem as acássias de uma elegância rara. Alem dos edifícios de aulas, dormitórios, administração, biblioteca, capela e outros, existem, nos campos, residências para professores e um bem montado hospital.

O primeiro dia do Congresso foi dedicado à meditação e oração. Era o início de uma obra gigantesca, posta nas mãos de pigmeus. Só com tal atitude de humildade e contrição se atreviam eles a lançar mãos à obra. E o plano se mostrou eficiente. As reuniões do dia foram dirigidas por homens da fibra de um Bispo de Dornakal, o indiano que está ligado pelo sangue e pelo coração ao grupo de homens mais desprezados na Índia — os párias, e que, na sua diocese, está liderando o "movimento das massas", pelo qual se verifica, anualmente, a adesão à Igreja de milhares e milhares de indianos habitantes de vilas e aldeias inteiras; da fibra de um Henry Farmer, professor do Colégio de Westminster, em Cambridge, o símbolo da serenidade e humildade de um verdadeiro cristão; do quilate de um Bispo Hobson, da Igreja Episcopal de Ohio, Estados Unidos, o homem dinâmico que acredita na evangelização das massas pela loucura da prégação e que tem revolucionado a sua cidade com o método de prégação ao ar livre; todos homens que, "como quem tinha autoridade", levantaram o coração e a mente dos delegados

até os Céus, preparando-os assim para, no dia imediato, entrar na lida com a mente de Cristo.

Os trabalhos do Congresso foram presididos pelo Dr. J. R. Mott, com rara habilidade e proficiência. O Dr. Mott é figura bastante conhecida nos meios evangélicos, como a alma dos Concílios ecumênicos e o propulsor da obra de cooperação das Igrejas. A sua mensagem na abertura do Congresso foi uma inspiração e um desafio, apresentando ao grupo de delegados atestados da sua responsabilidade e convocando-os para "não serem infieis à visão celestial".

Os 470 delegados presentes ao Congresso foram divididos em 16 grupos, conforme o número de assuntos a serem considerados. Oito desses grupos se reuniram na primeira semana, à mesma hora e em diferentes salas, e oito, na segunda semana. Desta sorte, cada delegado tomou parte em duas secções de estudos, mediante escolha prévia, de acordo com os pendores e especialização de cada um e as necessidades das delegações. Tudo foi feito de maneira que os membros de uma mesma delegação puderam ser distribuidos pelo maior número possivel de secções.

Cada secção constituia um *forum* aberto, dirigido por um presidente, escolhido pela Comissão Executiva, e um secretário. Das questões discutidas e tratadas, este fazia um resumo em forma de conclusões e recomendações que eram postas a voto perante o grupo e, depois enfeixadas em relatório, eram levadas ao plenário para nova discussão e final aprovação. A simples inspecção dos títulos das diferentes secções, conforme se acham

no material contido neste volume, mostra, de sobejo, a importância dos assuntos tratados.

Alem das 16 secções referidas, oito grupos se reuniram em horas e dias diferentes para tratar de assuntos de interesses regionais ou peculiares a certos aspectos da obra, como o grupo das Igrejas antigas e novas, da América Latina, das Senhoras, etc. Tambem estes tiveram suas conclusões apresentadas e aprovadas pelo plenário.

Na organização do Congresso Internacional de Missões de Madrasta, houve algumas características que o qualificam como o mais ecumênico dos concílios ecumênicos já realizados: de Edimburgo, em 1910, de Jerusalem, em 1928, e o de Madrasta, em 1938:

1. Foi um Congresso, cujas conclusões e recomendações foram o fruto do trabalho das suas próprias comissões, e não de um mero auditório que ouviu recomendações já previamente elaboradas.

2. Foi um Congresso que reuniu representantes legítimos de todas as forças missionárias do mundo em proporção equitativa de elementos das Igrejas que enviam missionários e daquelas que os recebem.

3. Foi um Congresso que não teve preocupação de fazer prevalecer idéias preconcebidas de qualquer facção doutrinária, eclesiástica ou intelectual, mas que acatou a opinião e a experiência de todos os delegados presentes; encarou todos os aspectos dos problemas ventilados e, afinal, adotou medidas que representam, senão

a opinião unânime, ao menos a que pareceu mais acertada, mui especialmente, por colocar os interesses da Causa acima dos interesses particulares de grupos ou de caudilhos.

4. Foi um Congresso no qual todos os grupos tiveram iguais oportunidades e, a despeito de dele fazerem parte grandes mentalidades como Kraemer, Stafford, e Van Dusen; grandes corações e evangelistas de fama mundial, como Kagawa, Stanley Jones e Bispo de Dornakal; santos do tipo de C. F. Andrews; educadores e políticos da marca de Baez de Camargo e T. Z. Koo; jornalistas da fibra de Rembáo e Basil Mathews; mulheres eminentes desde a africana bantú, Mimie Soga, a mulheres-ministro da Inglaterra e Estados Unidos, desde a mulher-pastora da Argentina à mulher-educadora e política da China; repetimos, a despeito de nele figurarem tais vultos, não o fizeram como líderes, mas como pares, alí estavam como simples membros do Concílio e não como demagogos, ou chefes, a cujas idéias se devessem obedecer sem discutir.

O C. I. M. de Madrasta foi, como muito bem sobre ele escreveu Alberto Rembáo, "uma reunião de companheiros", sim de companheiros cuja única preocupação era fazer a vontade daquele, em cujo nome estavam alí reunidos.

Estas são, em rápido apanhado, a nosso ver, as linhas mestras da organização do Congresso Internacional de Missões de Madrasta, Índia.

ASPECTOS DO CONGRESSO DE MADRASTA

EVA LOUISE HYDE.

Aquele que tivesse o privilégio de transpor os portões do Colégio Cristão de Madrasta, em dezembro de 1938, descortinaria uma cena jamais vista sobre a face da terra. Passeavam nos lindos jardins e alamedas desse Colégio centenas de grupos de indivíduos de todas as raças e côres, vestidos conforme os costumes de seus respectivos paises, falando talvez uma centena de línguas diversas (porem todos sabendo se comunicar em inglês), e todos animados por um mesmo ideal e um mesmo objetivo. Si esse observador penetrasse no auditório do Colégio nas horas de reunião devocional, escutaria 470 pessoas, vindas de 69 paises ou regiões do mundo, cantando os grandes hinos do Cristianismo com o mesmo sentimento e ardor. Se fosse a um dos refeitórios na hora do almoço ou jantar, encontraria a cada mesa grupos alegres e risonhos constituidos de 5 a 20 nacionalidades diferentes — chineses ao lado de japoneses, franceses e ingleses ao lado de alemães, indianos de origem hindú ao lado de outros de origem pária, etc.

— compartilhando o pão e, ao mesmo tempo, trocando experiências e impressões num convívio franco e amistoso. Que milagre era esse num mundo abalado por dissidências, guerras e ódios e antipatias raciais? Era o milagre do amor, do amor redentor de Jesús Cristo. Inspirados por esse amor divino, vieram todas essas pessoas de regiões visinhas e longínquas, representando cerca de 40 organizações eclesiásticas diferentes, para juntas estudarem os meios de tornar mais eficiente e profícua a vida e o testemunho da Igreja viva de Cristo.

Nos 17 dias que durou o Congresso foi deveras abençoada e frutífera a convivência e a camaradagem dos delegados. Lições preciosíssimas para nós, como indivíduos e como obreiros na seara do Senhor, foram aprendidas. Nos foros de discussão livre e franca das secções, nas conferências ponderadas das assembléias gerais, nas conversas íntimas, novos horizontes mentais e espirituais se nos abriram. Deixámos Madrasta levando conosco uma apreciação aprofundada das contribuições raciais e nacionais feitas à obra da Igreja de Cristo no mundo.

Todos os aspectos do trabalho da Igreja foram estudados lá. Somos convidados, porem, nesta publicação, a destacar alguns aspectos que se relacionem especialmente com as necessidades brasileiras. Temos escolhido dois que nos interessam especialmente, sabendo que os outros delegados brasileiros já apresentaram outros importantes.

Educação Cristã foi o título dado a uma das dezeseis secções do Congresso. No relatório dessa lê-se a declaração que "Educação é e sempre há-de ser uma das principais preocupações da Igreja". Esta declaração se confirma se observarmos o logar que a educação ocupa atualmente na vida das igrejas velhas e novas. Considerou-se, de máxima importância, portanto, que esse grande Congresso revisse os objetivos e os métodos da obra educacional das igrejas.

Quanto ao objetivo, o relatório da secção cita primeiro as palavras iniciais do Relatório da Conferência de Oxford: "Educação é o processo por meio do qual a comunidade procura abrir a sua vida àqueles que dela fazem parte, tornando-os ao mesmo tempo capazes de desempenhar a parte que lhes cabe no desenvolvimento dessa vida". Afirma em seguida que a educação cristã é mais ampla do que isto. "A comunidade cuja herança a educação cristã procura abrir não é de uma época ou de uma nação; essa herança não é unicamente para os próprios membros da comunidade, mas para toda a família humana; a vida que procura oferecer a todos tem as suas raizes nas invisiveis e eternas realidades".

A Educação cristã inclue a educação religiosa, — isto é, instrução na fé e prática do culto e conduta, — porem, o seu alvo é mais amplo. Apresenta ela as afirmações cristãs em toda a matéria de instrução e em todas as experiências na vida crescente. Não faz distinção acentuada entre estudos sagrados e seculares, mas reclama todo o homem e toda a sua vida para Deus.

Quanto aos métodos, o relatório não procura sugerir planos e programas detalhados, mas apresenta princípios de aplicação universal. Alguns destes são:

1. A educação cristã deve ser relacionada com a igreja local, empregando os seus recursos de modo a prestar o máximo de serviço à causa de Cristo.

2. As escolas devem manter contato íntimo com a vida do lar, da comunidade e da nação.

3. As escolas devem ser verdadeiramente cristãs. Quer dizer isto que toda a atmosfera e o espírito da instituição devem ser cristãos, de modo que a escola possa demonstrar o que é a vida de uma comunidade cristã.

4. Os professores devem não somente possuir as qualificações técnicas, mas devem ser homens e mulheres compenetrados da grandeza da sua vocação e que procurem por contacto pessoal guiar seus alunos para uma vida cristã abundante.

5. A educação cristã deve ser fiel aos mais altos ideais. Em todos os seus programas e na administração destes, deve ser fundamentalmente honesta e idônea.

Um outro aspecto do Concílio de Madrasta que muito nos interessou e que se acha intimamente relacionado com a educação cristã, foi a importância dada ao *Lar Cristão*. A VII secção que tratou da "Vida Íntima da Igreja" dedicou mais tempo a este estudo do que a qualquer outro. Um grupo especial (n.º VIII)

tambem se interessou pelo assunto e sobre ele fez importantes declarações.

Declarou a secção VII que o efeito sofrido pelo lar com as mudanças rápidas e desintegrantes da ordem social nestes últimos tempos é de grande e profundo interesse para a Igreja. Não há duas outras instituições cuja dependência mútua seja mais fundamental do que a igreja e o lar. Hoje as condições de vida em muitas terras dificultam a manutenção de um verdadeiro lar cristão. A Igreja precisa enfrentar estas realidades; precisa ajudar o lar cristão a reajustar sua vida de modo a conservar os seus altos valores e ao mesmo tempo deve esforçar-se por remover os obstáculos que surgem a cada passo dificultando-lhe as realizações de seus propósitos.

Em vista da importância fundamental deste assunto, o Congresso adotou uma longa série de recomendações. Julgamo-las de grande interesse para as igrejas do Brasil. Cremos que nesta questão os colégios evangélicos podem prestar um serviço relevante, proporcionando a seus alunos educação especialmente destinada a torná-los capazes a construir lares verdadeiramente cristãos.

SIGNIFICAÇÃO DO CONGRESSO DE MADRASTA

EGMONT MACHADO KRISCHKE.

Numa radiosa manhã de dezembro, sob o sol tropical do sul da Índia, um onibus atravessou, pejado de congressistas, o portão que dá acesso ao enorme parque do Colégio Cristão de Madrasta. Nele viajávamos quatro dos delegados da Confederação Evangélica do Brasil.

Bem sabíamos ser este apenas um dentre as dezenas de veículos que estavam, naquele dia, fazendo idêntico trajeto. Mas os seus passageiros formavam um como pano de amostra do que seria o grande Concílio que, à noite, se inauguraria. No mesmo compartimento, junto com os brasileiros, estavam um bispo maori da Nova Zelândia, e um cônego indiano, muito loquaz e espirituoso, que nos servia de *cicerone*. Noutros bancos, viajavam representantes da China, do Japão e de outras raças mais dificilmente identificaveis — clérigos e leigos, homens e mulheres, pertencentes a diversas denominações cristãs.

I

Este foi o primeiro aspecto que o importante conclave nos deparou, mesmo antes de iniciar as suas sessões regulares: um espontâneo espírito de cordialidade e de aproximação recíproca de todos os delegados. Era de notar, nos intervalos das reuniões, a ansiedade com que todos procuravam ler nos distintivos uns dos outros a indicação dos seus respetivos paises. Não preocupavam tanto os nomes pessoais ou as denominações religiosas: o que mais interessava era a extensão do Reino e a variedade de raças que ele está reunindo no redil do Bom Pastor.

Esta atitude claramente expõe a existência de uma nova resolução dentro do Cristianismo contemporâneo — a resolução de destruir o máximo possivel dos elementos que, há séculos, vem desfigurando aquele aspecto da Igreja Cristã que tanto impressionara a um Santo Agostinho: a Caridade revelada na União.

O primeiro grande significado de Madrasta foi, portanto, *uma profusa dimanação do Espírito de Amor e de Concórdia*. Este fato se revelou tanto nas mútuas relações entre os delegados, como na discussão dos mais complexos problemas trazidos ao plenário, e teve auspicioso arremate no grande sonho que já é, em parte, uma realidade — o Conselho Mundial de Igrejas.

II

O Congresso de Madrasta representa *um grande passo avante na literatura religiosa mundial*. Verifi-

cou-se, nestes últimos tempos, sensivel desenvolvimento no terreno literário. É de esperar que o Congresso de 1938, dado o realce que emprestou a este problema, tenha, pelo menos, duas consequências de grande alcance: 1) coordenação mais eficiente que evite desperdício de atividades, e 2) aumento da literatura escrita por autores nacionais. Isso não somente estimularia a composição de obras que, de fato, consultem as circunstâncias locais de cada país, como ainda viria enriquecer a literatura religiosa do mundo inteiro com não pequeno contingente de novos escritores até aí forçados ao silêncio pela falta de agências distribuidoras de seus livros.

III

O Congresso feriu uma questão de alta relevância, ao declarar que *a Igreja toda se deve saturar do senso de sua finalidade evangelizadora*. Podemos afiançar que o Congresso de Madrasta sentiu o peso dessa tarefa gloriosa que Deus mesmo confiou à sua Igreja.

Cabe, sem dúvida, ao clero insuflar em suas congregações o espírito de compartir o conhecimento de Cristo com os que permanecem fora da comunidade cristã.

Esse tom evangelizador fôra, aliás, peculiar ao Congresso de Jersualem, reunido dez anos antes. Mas o espírito de Evangelismo não pode morrer dentro da Igreja sem que esta morra tambem. Côncio desta realidade, o Congresso de 1938 dedicou ao magno assunto uma parte valiosa do seu tempo e da sua atenção.

IV

O Congresso de Madrasta significa *uma reafirmação enérgica dos ideais que devem nortear a formação do Ministério Sagrado.*

Esses ideais se referem, antes de tudo, à tríplice função dos ministros, dentro do grêmio cristão, como sacerdotes, pastores e profetas — funções cujo modelo celeste está no Cristo ressurreto e glorioso.

Para tanto, faz-se mister um máximo de esmero na escolha de homens realmente chamados por Deus e no preparo dos mesmos para a grande obra.

O sistema de instrução teológica empregado nos campos missionários raramente satisfaz às exigências do trabalho .Mas as suas falhas são, em geral, causadas pela deficiência econômica das noveis Igrejas nacionais, cabendo às Igrejas-mães uma cooperação mais direta no caso. Se os missionários estão colocando sobre os ombros do clero nativo a carga de todas as responsabilidades, a sua grande missão reside em habilitar esse clero para a sua árdua tarefa.

Não menos importante foi a atenção merecida pelo Ministério dos Leigos, para o qual cada vez mais se impõe um adestramento adequado e digno das esperanças que nele se depositam.

V

Outro fato significativo é *a revelação de quanto têm despertado ultimamente, nas Igrejas, a conciência de suas graves responsabilidades no presente século.*

Muito cristão moderno está começando a perceber, ao vivo, o que significa ser "a luz do mundo" e "o sal da terra". O ilustre dr. João Mott, ao inaugurar os trabalhos do Congresso, referiu-se às possibilidades de Madrasta, ante o desafio do mundo e das próprias Igrejas. E citou, entre outros componentes desse desafio, o conflito da civilização com raças primitivas, a derrocada das tradições e da ordem, a desintegração da autoridade moral, a luta em prol da liberdade religiosa, Igrejas mal convertidas, arrefecimento missionário, dificuldades financeiras e o problema supremo da União do Cristianismo.

Toyohiko, no seu memorável discurso, assegurou, com muita propriedade, que, embora o orgulho científico do século XIX não houvesse compreendido a maravilha da redenção, contudo, "no século XX, porque nos assentamos nas trevas e na depressão, após o arrazamento da grande guerra européia e subsequentes embaraços econômicos, chegamos a entender melhor o significado da redenção".

Não menos expressiva se nos afigura a atitude assumida pelo Bispo de Winchester, ao declarar que, numa guerra de agressão, caberia à Igreja opor-se aos intentos belicosos do Estado.

E, quando passamos dessas manifestações pessoais aos relatórios oficialmente adotados pelo Congresso, percebemos a mesma preocupação, a mesma conciência desperta para o testemunho da Igreja no mundo moderno.

Um desse documentos — "A Fé pela qual a Igreja Vive" — contem expressões como as que seguem: "Para

povos inteiros, a fé na sua nação ou na sua classe serve de religião e obtem absoluto devotamento. Esses credos surgem como repreensões e desafios a um Cristianismo facil e hesitante. Mas, alicerçados em idéias falsas e inadequadas acerca do homem e do mundo, eles tendem a agravar a desordem mundial: o seu fruto é a guerra, a perseguição e a crueldade entre os homens".

Referindo-se aos que ainda buscam refúgio na ciência e no poder humano de redenção, o mesmo relatório afirma que estes, no íntimo, "sentem que a sua confiança é vã. Suspiram por uma fé que possa trazer mais segura esperança às suas vidas e à sua civilização".

VI

Quer dizer que, não obstante estarmos recolhidos num dos mais afastados recantos da terra, longe das blaterações humanas, do agitado entrechoque dos interesses ora em jogo, sem escutar um ruido mundano, uma voz dissonante, sentiamo-nos, entretanto, em situação idêntica à de Jesús no deserto da Tentação. Àquele retiro acompanharam-nos todas as graves questões que ora agitam o mundo e a Igreja. Os grandes males que afligem a humanidade contemporânea — a inquietação internacional, os ódios de raça e de classe, a depressão social, o desmoronamento da ordem e da fé, as profundas ansiedades morais e o pavoroso vácuo espiritual do homem hodierno — toda essa negra procissão desfilou perante nosso olhar abatido e perplexo.

E, fazendo um balanço das discussões realizadas em grupos seccionais ou no plenário, podemos afiançar que o Espírito Santo imprimiu nos corações dos congressistas uma preocupação constante e suprema que se projetou na própria atmosfera envolvente e que tentaremos resumir nos seguintes parágrafos:

1) Convem-nos antes obedecer a Deus que às simples injunções dos homens.

2) Deus tem um propósito criador e regenerador, através a história da humanidade.

3) A Igreja de Cristo cabe prescrutar os divinos propósitos para com o presente século e manter-se leal à mente do seu Senhor.

4) Conquanto o Cristianismo deve observar as circunstâncias especiais de cada povo e revestir-se de uma roupagem que o torne compreensível à indole tradicional desse povo, todavia o mundo é que se deve adaptar, na sua estrutura econômica, política e moral, aos ideais cristãos e não estes aos interesses efêmeros e subalternos dos indivíduos e das nações.

Este era, com ligeiras variantes, o sentimento que flutuava no ambiente do Congresso, impregnando os corações e fornecendo, afinal, mais que a forma e o colorido, a essência mesma da grande mensagem conciliar. Esta maneira de sentir assumiu, sem dúvida, uma das suas mais admiraveis expressões, quando o velho missionário, rev. C. F. Andrews, trajado de pária indiano, repetiu, com entono, uma verdade facilmente esquecida:

"Nosso não é o Evangelho do êxito, o Evangelho dos números; mas o Evangelho da Cruz".

Com efeito, se o Congresso de Madrasta significa algo permanente e conforme ao gênio do Novo Testamento, sentimo-nos capacitado para apontar a sua atitude compungida ante os erros do passado, a sua franca disposição para abolir preconceitos e abandonar métodos inadequados, o desassombro com que encarou as necessidades reais do século e respondeu ao seu tremendo desafio, e, acima de tudo, a decisão heróica de penetrar mais no mundo, no coração da humanidade, levando aos ombros o doloroso instrumento da sua redenção — a Cruz de Jesús Cristo.

DIRETRIZES PARA A OBRA EVANGÉLICA NO BRASIL

Derlí de A. Chaves.

Há forças ocultas agindo na humanidade, que todos nós sentimos e cujos efeitos ninguem ignora, mas cuja explicação e origem ficam muito aquem das possibilidades conhecidas dos entendidos. A técnica que tudo envolve e tudo explica ainda não alcançou tão longe. E elas continuam a agir, a despeito de nossa ignorância. Entretanto, para nós cristãos, ainda que não lhes conheçamos a função, ou seja, suas diferentes maneiras de agir, não lhes ignoramos a origem, nem tão pouco o seu objetivo. A Palavra do Mestre é clara: "Meu Pai opera até agora, e eu tambem".

O Congresso Internacional de Missões de Madrasta, Índia, foi a mais evidente revelação deste fato. Homens e mulheres, vindos de todas as partes do mundo, de todos os climas e de todas as raças, com as mais variadas experiências de ambiente e de educação, sentiam as mesmas necessidades, tinham os mesmos objetivos, e demandavam o mesmo ideal.

A nós não resta a menor dúvida que o Senhor Deus não deixaria a humanidade sem a presença do seu Espírito. Madrasta é prova por demais maravilhosa deste extraordinário fato: 470 delegados, representando todos os continentes, mais de 70 países, falando entre si 101 línguas diversas, fomos divididos em 16 secções, tomando cada uma destas secções, um aspecto diferente da obra missionária. Entre os grupos, não houve entendimento prévio, nem posteriores combinações. Tudo que se fez em cada grupo foi esforço próprio, sem qualquer orientação particular, senão a do Espírito de Deus. Quando os relatórios foram apresentados ao plenário, notou-se que todos haviam seguido a mesma orientação, e, naquilo que os diferentes relatórios, por sua natureza, se interpenetravam, as conclusões foram as mesmas e a solução apresentada aos problemas a mesma.

Não, nada há que nos faça duvidar da direção do Divino Espírito no mundo, e, muito menos, na sua Igreja. E é exatamente porque cremos na maravilhosa intervenção do Espírito de Deus sobre o Espírito do homem, é que cremos que a obra evangélica no mundo e, particularmente, no Brasil, tem de tomar nova direção, na qual, mais profunda e diretamente, sentir-se-á a virtude de Deus.

Reunidos como estivemos em Madrasta, americanos do Sul e do Norte, franceses e alemães, chineses e japoneses, hindús e ingleses, retintos africanos e nórdicos louros, enfrentando os mesmos problemas a despeito de clima, raça ou nacionalidade, "pudemos entrar em uma comunhão supra-nacional que não foi obra de nós mes-

mos, e ver nossos problemas nacionais à luz dessa comunhão".

O que ficou patente aos olhos de todos nós é que o mundo enfrenta hoje, como aliás sempre enfrentou, um único problema — o problema do pecado, para o qual só há uma solução — o amor redentor de Jesús no coração do homem. Ora, se isso é verdade, do que, aliás, não resta a menor dúvida, todas as nossas falhas, divisões, deficiências, malentendidos, vacilações, deserções e derrotas, têm sua origem nesse princípio letal, cujos efeitos mais do que desastrosos se fazem sentir dentro e fora da Igreja de Deus.

E é para que a sua Igreja desperte e compreenda ainda em tempo a situação anormal em que se acha, é que o Senhor está agindo, surpreendentemente e de maneira insofismavel, no mundo, permitindo que ela seja agredida, espesinhada às vezes, maltratada muitas vezes e sufocada outras. Ou a Igreja ouve a voz de Deus e a segue, ou terá de sofrer as consequências destruidoras da sua desobediência.

Claro está que se um é o mal e um é o remédio, como, aliás, ficou provado à saciedade no Congresso Internacional de Missões de Madrasta, uma só deve ser a orientação a seguir e um só o futuro vitorioso da obra evangélica no mundo.

Para efetivação dessa unidade necessária e urgente, importa, no Brasil, como no mundo, que o Evangelismo se imponha ao inimigo como uma unidade na forma e no espírito, ainda que aquela apresente as nuances naturais ao meio ambiente.

Outrossim, que se processe entre nós, com a máxima rapidez possivel, um avanço para as normas genuinamente evangélicas de eclesiologia, disciplina e carater, isto é, maior simplicidade de organização, mais pureza de vida nas comunidades cristãs, e maior firmeza de fé entre aqueles que se chamam pelo nome de cristãos.

Ora, estas cousas não se alcançarão sem que haja o mais franco, o mais positivo e decidido espírito do Mestre na vida das Igrejas e dos indivíduos que as compõem. E isto reconheceu o Congresso Internacional de Missões de Madrasta, quando fez as seguintes afirmações, que são como que diretrizes para a obra evangélica em nossa pátria:

1. A Igreja Cristã está chamada, no dia de hoje, a viver e a produzir vida em um mundo sacudido até os fundamentos, isto é, está chamada a ser em si mesma a atualização da sua própria mensagem entre os homens.

2. A Igreja Cristã está comissionada, nesta época, em que a força bruta patrulha o mundo, a testemunhar, valente e inconfundivelmente, ante as nações, que os baixos propósitos dos homens, sejam estes indivíduos ou grupos, não podem prevalecer contra a vontade do santo e compassivo Deus.

3. Está comissionada a advertir a humanidade do juizo que, inevitavelmente, sobrevirá a uma civilização que se não volte para Deus e se não arrependa dos seus caminhos delituosos, brutais, destruidores da vida humana e torturantes da conciência.

4. Sobretudo, está chamada a proclamar o Evangelho de compaixão e perdão de Deus, para que os homens vejam a luz que está em Cristo e se rendam ao seu serviço.

O Congresso Internacional de Missões de Madrasta, reconhecendo a Igreja como o corpo de Cristo, afirmou que ela não pode cumprir sua árdua missão no mundo de mensageira, modelo e construtora do Reino de Deus a não ser que se exercite, constantemente, na penitência e experimente contínua renovação no Espírito Santo; confesse sua fraqueza resultante das suas expressões de autosuficiência e exclusivismo, e das múltiplas divisões com que tem retalhado o corpo de Cristo, e, finalmente, que, sem sacrifício da verdade e imposição de uniformidade, trabalhe por uma comunhão completa que transcenda todas as divisões, que, começando com a unidade do espírito, venha, afinal, manifestar-se na unidade exterior.

O C. I. M. de Madrasta deixou bem claro que não há país que se possa chamar cristão e que, quanto à responsabilidade de estabelecer o Reino de Deus entre os homens, é tarefa que cumpre a todas as Igrejas, sejam estas antigas ou novas. Outrossim, que àquelas cabe, particularmente, a missão de cooperadoras e a estas, a de direção e de identificação da obra com o povo. Donde a necessidade da preparação eficiente, positiva e, francamente, de acordo com a índole e cultura dos respectivos povos de um ministério nacional idôneo, piedoso e culto. Mesmo aqueles povos, cuja civilização

reputamos mais atrazada, precisam ser respeitados nas suas tradições, apreciados os seus valores, e sublimado, à altura dos ensinos de Jesús, o que de bom neles exista. Estudados à luz dos ideais do Mestre, ver-se-á que, em geral, o que têm de bom é mais do que a vaidade e os preconceitos raciais, econômicos e políticos, nos permitem reconhecer.

Os recursos estrangeiros, vindos para as Igrejas novas, na forma de homens e elementos materiais, não podem penetrar no território nacional, com o fito de alimentar qualquer plano que, ainda que aparentemente muito bom, não esteja de acordo com o plano geral da obra nativa. Longe de fazerem bem, seriam elementos desintegradores da grande unidade supra-nacional e racial, a qual constitue a grande aspiração do Mestre para a implantação definitiva do seu Reino entre os homens.

O clamor geral é que a obra evangélica tem de obedecer muito mais do que até então a um ritmo nacional, de acordo com a índole do povo, ainda que conservando sempre a unidade espiritual e a alta significação moral do Evangelho de Jesús Cristo, afim de que não pareça, o que, infelizmente, tem acontecido em certos setores, uma imposição de fortes sobre os fracos, ou, o que é muito peor, uma importação exótica de dificil aclimação.

O aproveitamento dos valores artísticos, na arquitetura, na música e canto, e outros, é cousa que se impõe nos campos chamados missionários. E que dizer sobre os valores humanos que são infinitamente maiores

do que aqueles? A cultura nacional e a inteligência dos indivíduos devem ser aproveitadas ao máximo. Quer para o ministério quer para as carreiras liberais, a mocidade de valor no seio da Igreja deve ser encaminhada. É esta que dará o entusiasmo que o ministério necessita, e a liderança cristã que as nações precisam.

O velho espírito de superioridade de que estavam civados certos elementos vindos de fora, já não tem mais função na presente geração. A unidade do trabalho evangélico exige a unidade de sentimentos. Tudo, portanto, que, embora, nos países de origem, pareça boa causa, mas que viria, nos campos missionários, prejudicar a unidade que se faz mister para a realização do plano de evangelização universal, deve ser desprezado.

Os meios materiais, vindos de fora, precisam entrar no curso da corrente dos bens da Igreja nativa como parte integrante deles e para o uso que mais convier às necessidades e planos da obra geral, e nunca, como cousa à parte, com controle e imposição externos. Da mesma forma, os recursos de homens devem participar das forças vivas e utilizaveis da Igreja nacional, sob a direção de nacionais e usados de acordo com as necessidades dela, e nunca na forma de especialistas, para fins determinados e com colocação predeterminada. Devem ser homens com "habilidade para ser colegas decididos, livres de todo o sentido de superioridade racial, cultural ou espiritual, e de estreiteza denominacional"; e, ainda, "com capacidade para compreender e apreciar as aspirações dos outros".

Enfim, a leitura cuidadosa e atenta dos relatórios que se seguem e que representam a vontade do Divino Espírito Santo, segundo a compreensão de quatrocentos e setenta cristãos de todo mundo, mostrará, de maneira clara e insofismavel, quais as verdadeiras diretrizes para a obra evangélica no Brasil para o futuro.

I

A FÉ PELA QUAL A IGREJA VIVE

Vivemos pela fé em Deus, o Pai de nosso Senhor Jesús Cristo.

Acima de tudo e em tudo e por tudo está a Vontade Santa, o Propósito Criador do Altíssimo. O mundo é seu e ele o fez. As confusões da história estão sob o domínio de sua imensuravel sabedoria. Ele superintende e opera no mundo, mediante os propósitos dos homens, reduzindo a nada a sua cobiça recalcitrante de poderio, valendo-se contudo da fidelidade deles na estrutura de seu Reino sobre a terra.

O homem é filho de Deus, feito à sua imagem. Deus destinou-o para uma vida de comunhão com ele, e com seus irmãos pertencentes à família da fé. Entretanto, no mistério da liberdade que Deus lhe concedeu, o homem escolhe outras veredas, e outros objetivos. Ele desafia a vontade do seu Criador, e procura estabelecer leis para si mesmo, desprezando as leis divinais que regem todas as cousas. Esta é a causa mais profunda do mal e da miséria de sua vida. Separado de Deus, ele

busca a sua salvação onde jamais poderá encontrá-la. Impotente para salvar-se, todavia o homem sempre se encontra na necessidade de converter-se, de ser perdoado e de regenerar-se.

Quem, então, poderá salvar? Unicamente Deus, mediante Jesús Cristo, nosso Senhor. "Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna". Isto é o âmago do Evangelho Cristão, o Evangelho que nós proclamamos.

Deus, em seu infinito amor, agiu em favor da salvação dos homens. Veio ao mundo, para salvá-los, na pessoa de Jesús de Nazaré, o Verbo que se fez carne.

Por meio dele, Deus conquistou o poder do pecado e da morte. Jesús Cristo, em seus ensinos e em sua vida de perfeito amor, revela aos homens o que Deus deseja que eles sejam, e fá-los envergonhar-se, por não terem correspondido à expectativa divina.

Mediante a fé e absoluta obediência de Cristo, eles chegam a confiar no único e verdadeiro Deus. Seu sofrimento e sua morte no Calvário patenteiam aos homens o poder terrivel do pecado, e lhes asseguram, ao mesmo tempo, a certeza do perdão divino. Sua ressurreição é a vitória da santidade e do amor sobre a morte e a corrupção. Mediante o Cristo redivivo, os homens que a ele se consagram, tornam-se com ele participantes da vida eterna. Na força e alegria do perdão, renovados diariamente ao pé da Cruz, os discípulos do Senhor sairão mais do que vencedores sobre todos os males.

Para Cristo, o Reino de Deus é o ponto central da vida. Ele recomendou aos seus seguidores que procurassem primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça. Aceitando o convite do Mestre, para uma vida de amor e de renúncia, e confiando no auxílio divino, os homens são como que intimados a ser cooperadores com ele na grande obra de incrementar a justiça, a verdade e a fraternidade sobre a terra.

Seu Reino não se limita somente a este mundo. Será consumado no estabelecimento final de seu glorioso Reino de Amor e Justiça, quando haverá um novo céu e uma nova terra, onde a morte e o pecado não existirão jamais.

Ao glorioso dom, que é a Pessoa de Cristo, Deus acrescentou à Igreja a dádiva do seu Espírito Santo. A verdadeira Igreja de Cristo é a comunhão daqueles a quem Deus chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. A direção e o poder do Espírito são conferidos a essa Igreja, que pode continuar a obra salvadora de Cristo no mundo. A Igreja procura edificar os seus próprios membros no conhecimento de Cristo, clamando-lhes constantemente com a mensagem do amor divinal, confortando-os com a segurança do perdão oferecido por Deus, ensinando-lhes o caminho da verdadeira caridade praticada no serviço em favor de seus irmãos na fé.

A verdadeira Igreja vibra de amor cristão por aqueles que estão sem Deus. Dirige-se a eles, apresentando-lhes o evangelho da graça. Pratica o ministério de compaixão e cura. Dá testemunho contra qualquer

iniquidade e injustiça na vida comum. Nas orações lembra as tristezas e dores dos que se acham desviados. A ela é dado o solene privilégio de compartilhar os sofrimentos de Cristo.

A-pesar-de todas as fraquezas e imperfeições das nossas igrejas, a verdadeira Igreja de Cristo está dentro delas: e a nossa esperança quanto à redenção da humanidade centraliza-se na obra de Cristo, através do testemunho dessas igrejas.

Por meio da edificação e da disciplina proporcionadas pela Igreja, a vida cristã se completa; no serviço alegre prestado na comunidade fraternal da Igreja, a devoção cristã se aperfeiçoa.

II

A IGREJA — SUA NATUREZA E FUNÇÃO

A VOCAÇÃO DA IGREJA

A Igreja procura proclamar a fé cristã por meio da palavra e da ação, pois o Cristianismo vem ao mundo como Mensagem e como Movimento.

Neste tempo quando a força bruta avança ostensivamente pelo mundo, a Igreja é concitada a dar um testemunho corajoso e inflexivel às nações, mostrando-lhes que os propósitos baixos dos homens, quer de indivíduos ou de grupos, não podem prevalecer contra a vontade de um Deus, santo e compassivo.

A Igreja está comissionada a admoestar a humanidade a respeito do juizo que inevitavelmente sobrevirá a uma civilização que não altera o seu roteiro criminoso e não se arrepende dos seus pecados. — É seu dever clamar corajosamente contra a agressão, a brutalidade, a perseguição e toda a destruição e tortura desenfreadas, infligidas à vida humana.

Reconhecendo que Cristo veio trazer a todos a vida abundante, mas que essa vida está vedada a milhões de pessoas, devido à pobreza, à guerra, ao ódio racial, à exploração e à cruel injustiça, a Igreja é compelida a combater esses males sociais até desarraigá-los por completo. Deve abrir os olhos de seus membros para que não sejam coniventes em práticas anti-cristãs.

Sente-se ainda, a Igreja, constrangida a socorrer e consolar os que sofrem injúrias implacaveis ao mesmo tempo que luta corajosa e persistentemente pela criação de uma sociedade mais justa.

Acima de tudo, a verdadeira Igreja sente-se vocacionada a proclamar o Evangelho da compaixão e do perdão de Deus, para que os homens vejam a *luz* que está em Cristo e se entreguem ao serviço divino. E tudo isto deve a Igreja fazer, custe o que custar, com fidelidade e gratidão a Jesús Cristo, que mediante tão grande sacrifício operou a salvação.

Mas a vocação primordial da Igreja é tornar-se o exemplo vivo, entre os homens, da mensagem que ela mesma apresenta. Ninguem conhece melhor os fracassos e a infidelidade que desvirtuam a vida da Igreja, do que nós mesmos, os seus membros.

Entretanto, com humildade e arrependimento, somos impelidos a proclamar a este mundo confuso e necessitado, que a Igreja Cristã, sob a orientação divina, é a sua maior esperança.

Durante a última década fomos testemunhas da ruina progressiva do edifício da humanidade; mas, ao

mesmo tempo, testemunhamos uma crescente unificação do corpo de Cristo. Agora, aquí reunidos, delegados de mais de 60 nações, de todos os continentes, percebemos, mais uma vez, que essa unidade não é apenas uma aspiração, mas um fato de indiscutivel realidade; esta grande assembléia é sua manifestação concreta. Somos um na fé; somos um no desempenho da nossa incomparavel missão, como corpo de Cristo; sejamos verdadeiramente um, de um modo mais completo, em nossa vida e na execução dos nossos trabalhos. As nações estão em guerra umas com as outras; mas nós sabemos que somos irmãos na comunidade da Igreja de Cristo. Impera a suspeita e domina o medo entre os povos; mas nós aprendemos a confiar, cada vez mais, uns nos outros, pela adoração comum do mesmo Senhor de todos nós. Nossos Governos constroem aparelhos para destruição mútua; nós, entretanto, nos reunimos em ação conjunta para a reconciliação da humanidade.

Assim, pois, ainda que de maneira imperfeita e inconstante, a Igreja está, mesmo na atualidade, preenchendo a sua vocação de ser a família reunida do Senhor, na qual, segundo o desejo de Deus, deveria estar incluida toda a humanidade. A Igreja, portanto, deve permancer sempre sob a bandeira do ideal do Reino de Deus, único ideal que poderá impedir que ela se torne um fim em si mesma e que lhe concederá forças para continuar fiel aos objetivos divinos. Pela fé, e com absoluta certeza, nós declaramos que este corpo que Deus moldou mediante Jesús Cristo não pode jamais ser destruido.

Graças a Deus a Igreja Cristã moderna está levando os recursos médicos, o progresso, a cultura, o conforto e a verdadeira fé a inúmeros lugares obscuros do mundo, onde as doenças e as trevas, a pobreza e o medo reinaram durante séculos.

A todos os que se interessam pela paz e pelo bem-estar da humanidade, convidamos a dar o seu auxílio à Igreja, que permanece incansavel nos seus propósitos, no meio de um mundo aniquilado e sofredor.

E àqueles que já participam de sua vida, especialmente seus guias, nós os exortamos a que redobrem seus esforços na grande tarefa de levar o evangelho a todos os povos, de fortalecer as igrejas mais novas, de incentivar a cooperação prática e a verdadeira unidade, de levar realmente as cargas dos irmãos que sofrem, e acima de tudo de cingir-se com firmeza à fé, que dá vitória sobre o pecado, sobre o desânimo e sobre a morte. Olhemos para Cristo, para a sua Cruz, para o seu trabalho triunfante entre os homens, e cobremos ânimo. Cristo elevado à sua posição sublime e incomparavel, e nós, todos os homens, acompanhando-o e observando os seus gloriosos ensinamentos.

A época atual não é de facil otimismo, mas requer arrependimento, confiança absoluta na sabedoria, no amor e no poder de Deus, e exige de nós, ainda, paciente e incansavel serviço no nome, no espírito e no poder do Redentor Ressurreto. Não podemos prever o resultado das aflições do homem moderno. Isto, entretanto, sabemos, por meio da morte do Senhor e da presença do Cristo Redivivo com a sua Igreja: Deus nos tem

mostrado que o resultado final de todas as cousas só a ele pertence. Seu Reino é eterno, e aos que participam da fé e devoção em Cristo, ele faz participantes do seu triunfo, no tempo e na eternidade.

Graças a Deus pelo seu dom inefavel!

A TAREFA ESSENCIAL DA IGREJA

A tarefa da Igreja se descreve em Mateus 28:19-20 "Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, instruindo-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado. Eis que eu estou convoco todos os dias até o fim do mundo". O lugar onde essa tarefa se centraliza é a igreja local, ou a congregação. Se as congregações mortas ou desunidas constituem o maior impecilho ao cumprimento da tarefa da Igreja, as congregações vivas, pelo contrário, são as agências principais, nas mãos de Deus, para a realização dessa tarefa gloriosa.

A vida de uma congregação depende da comunhão real com Deus, da leitura da Palavra e da celebração dos Sacramentos, em oração e intercessão. E os sinais visiveis da sua vitalidade são — a frequência regular ao culto público, por parte de seus membros, a prática do amor cristão, a disciplina fraternal, o serviço dedicado à sociedade, o estudo das Escrituras, e o espírito missionário. Na congregação, as células vitais são as famílias verdadeiramente consagradas a Cristo.

A tarefa essencial da Igreja é ser a embaixatriz de Cristo, proclamando o seu Reino. Ainda que a Igreja

não tenha qualquer programa político ou econômico, todavia, vivendo dentro do Estado e da sociedade, deve ela servir como uma conciência despertadora e ativa, para ênfase aos princípios cristãos na vida social.

Deixamos de considerar esses princípios, visto serem tratados específica e extensivamente noutras secções deste relatório. Basta afirmar aquí que todas as atividades da Igreja, quer sejam de ação social, educação, difusão da literatura cristã, cura do corpo e da alma, ou qualquer outro trabalho feito em benefício do homem — são consequências da sua tarefa essencial. São sinais apontando para Cristo, como o Salvador dos homens e da sociedade humana. São manifestações do grande amor de Cristo, nos corações de seus discípulos. São os resultados da verdadeira fé em Deus.

Prestando o seu culto ao Senhor e testemunhando o nome de Cristo, a Igreja vive na firme esperança de alcançar a sua plenitude no Reino eterno de Deus.

III

A OBRA A REALIZAR

O LUGAR DA IGREJA NA TAREFA INACABADA

Considerando como a Igreja poderá enfrentar melhor as suas responsabilidades quanto à evangelização do mundo, procuramos esclarecer, em primeiro lugar, que o seu dever principal é, justamente, a evangelização. Não cremos que no futuro as Igrejas mais antigas possam passar suas responsabilidades às mais novas. Pelo contrário, vemos que toda a Igreja aceita a idéia de que cada um dos seus ramos deve estar ao serviço de todos os outros, e que todos os seus ramos devem cooperar nos esforços para a evangelização do mundo. Disto não se depreende que as Igrejas mais experimentadas devem diminuir o seu trabalho de levar "o Evangelho a toda a criatura".

Quaisquer que sejam as cousas referentes à escassez de missionários e à redução de auxílio financeiro, isso não deverá ser interpretado como sinal de que a parti-

cipação das Igrejas mais antigas na tarefa missionária esteja aproximando-se do fim. Pelo contrário, considerando as condições do mundo contemporâneo; considerando que a tarefa, na sua fase atual, está apenas no seu início; considerando que o século passado foi somente uma preparação para o trabalho dos nossos dias; considerando que os alicerces já foram lançados, todos nós sentimos a responsabilidade de renovar esforços para levantar e fortalecer a Igreja de Deus em todas as terras. As Igrejas mais antigas, portanto, não podem abandonar essa responsabilidade pelo simples fato de que as mais novas estejam agora encetando sua tarefa. O trabalho a ser feito é tão vasto, tão urgente e tão importante, que requer todos os recursos de todos os cristãos em todo o mundo. A tarefa na época atual deve ser empreendida em conjunto, participando dela tanto as Igrejas mais antigas como as mais novas, com a conjugação de todos os recursos e pela cooperação de todos os cristãos.

Relembramos o fato já conhecido da experiência cristã, que o homem quando aceita a Jesús Cristo como seu Salvador, sente-se na contingência de cumprir o dever e gozar do previlégio, referentes ao evangelismo pessoal; o objetivo é este: que todo cristão em cada igreja seja uma testemunha da fé que professa.

O Evangelismo sofreu muitos prejuizos em algumas zonas, onde as igrejas, dando ênfase exagerada à parte financeira, adotaram o sustento próprio e se tornaram independentes, antes de terem aprendido a propagar com eficiência as boas novas de salvação. Não desejamos

diminuir a importância do sustento próprio, porem achamos que o assunto deve ser considerado à luz da vida e do testemunho da Igreja. Se queremos salvar a Igreja do perigo de tornar-se um fim em si mesma, concentrada em sua própria manutenção, é preciso fazer do culto a Deus o incentivo de um verdadeiro testemunho, e, dessa forma, o seu crescimento e o sustento próprio surgirão como o resultado natural desse seu testemunho. A Igreja não pode ser considerada como um fim em si mesma, porquanto ela existe para ganhar o mundo para Cristo.

Salientamos ainda o fato de que nos últimos anos, o êxito alcançado pelo Evangelismo não tem sido tanto pela prégação direta ou pela execução de plano missionários, mas sim, pelo testemunho, principalmente o testemunho voluntário das igrejas mais novas. Esse testemunho nasceu de uma vitalidade espiritual e de uma experiência vigorosa, que compelem os homens a transmitir as boas novas que já receberam. Em Nigéria, África, onde o número de membros duplicou nos últimos doze anos, calculou-se que 90 % dos convertidos foram alcançados pelo testemunho dos próprios africanos.

A Igreja Batak, em Sumatra, as conversões aos milhares na Índia e em outras regiões, tudo isso comprova a mesma verdade. A tarefa, portanto, deve ser apreciada sob o prisma de realidade, como a tarefa das Igrejas. A liderança deve permanecer com as próprias igrejas; e os missionários devem ser cooperadores dessas igrejas.

Deus está impelindo sua Igreja a avançar, pelo testemunho pessoal e coletivo, assim como nos tempos apostólicos os discípulos iam por todas as partes prégando a Palavra. Se cada pastor se constituir um verdadeiro evangelista e guiar o seu povo de modo que todos se tornem vivas testemunhas de Cristo, então o avanço se dará, infalivelmente. Isto envolve um programa para as Igrejas, o programa de orientar os pastores e o povo quanto à evangelização. E seria de grande proveito a troca de experiências entre regiões e países diferentes, de sorte que o evangelismo numa região seja beneficiado pelos métodos aplicados em outras regiões.

O evangelismo numa igreja local deveria começar no lar e na vida diária dos cristãos. Todo o cuidado, nesse sentido, deveria ser tomado com respeito às crianças, afim de que elas fossem instruidas na fé, para que a sua fé se tornasse real em sua própria experiência e as conduzisse ao testemunho do Evangelho por gerações sucessivas. As Escolas Dominicais devem tomar parte destacada nessa tarefa.

No preparo dos membros da Igreja para o evangelismo, o método de cursos de instrução bíblica tem dado resultados. Cumpre tomar cuidado para que o evangelismo tenha um lugar central em todas as instituições médicas e educativas.

Muitas igrejas realizam "Semanas de testemunho" para estimular todos os seus membros a se unirem numa campanha de evangelização. E em cada esforço de evangelização as mulheres devem ocupar, na vida e no tes-

temunho da Igreja, o lugar honroso que lhes cabe. Em alguns casos os homens têm recebido melhor preparo para o serviço do que as mulheres, ocasionando isso sérias consequências para o crescimento da comunidade cristã. Esposas de pastores, de professores e de outros obreiros cristãos deveriam aproveitar as oportunidades que surgem para fazer cursos de estudos bíblicos.

Um trabalho de evangelização entre o elemento feminino só poderá ser realizado com mais eficiência por meio de obreiras cristãs.

Se o testemunho das senhoras for negligenciado e se no seio das famílias somente o sexo masculino for instruido, então, a vida das igrejas se deslocará do seu verdadeiro eixo. A família deve ser evangelizada como uma família, encarando-se as possibilidades de todos os seus membros, quer sejam deste ou daquele sexo, do contrário, o progresso da comunidade cristã será grandemente prejudicado.

NECESSIDADE DE AÇÃO

Este relatório já revelou a extensão da tarefa inacabada da Igreja. Vimos como há zonas do mundo que ainda não foram completamente evangelizadas, e o mais lamentavel é que as largas portas que se abriram para a Igreja no século XIX agora se fecham, havendo, alem disso, na atualidade, muitos sinais de novas perseguições aos Cristãos, em diferentes partes do mundo. Deus impele a sua Igreja ao avanço. Notaveis movimentos do Espírito Santo, em vários países, são indício

do que a Igreja deve esperar se for obediente e fiel, na hora presente, ao poder de Deus.

Afirmamos, com absoluta certeza, que na presente situação mundial de nenhum modo o evangelho será anulado, pois esse evangelho continua a ser e sempre será o poder de Deus para a salvação. Nosso propósito fundamental no evangelismo é ainda o mesmo e achamos que toda a atividade missionária só deveria ser avaliada quanto à sua eficiência na transmissão da mensagem do Evangelho.

Num universo de ideologias que se entrechocam, proclamamos novamente a gravidade do momento atual. A paz mundial não será possivel sem a evangelização mundial. A Igreja primitiva, porque prégou que "Cristo Jesús é o Senhor", foi martirizada. Muitos países do mundo estão marcados com túmulos de missionários; esses homens e mulheres, de raça e cores diferentes, deram suas vidas, confessando alegremente que Cristo é o Salvador e Senhor. A empresa que empreendemos tem custado muito sofrimento e martírio, mas tem-se caracterizado constantemente pela manifestação desse Espírito que revela o poder de Deus na vida e nas relações humanas. Os homens na presente geração não são menos heróicos do que em gerações passadas. Milhões se entregam alegremente em favor do nacionalismo. E a Igreja, terá ela o poder de impelir os cristãos, em toda a parte, a uma nova aventura em prol do Reino de Deus? Poderá dar à juventude uma nova visão dos propósitos de Deus quanto ao mundo? Poderá desafiar os homens a viverem uma vida de lutas e perigos por causa do

Evangelho? Os perigos aumentam, mas a senha dos nossos dias não pode ser de comodismo. Cada aspecto da situação mundial é um apelo à Igreja para avançar. Exortamos as Igrejas que se unam para a tarefa suprema de evangelização mundial, até que os reinos deste mundo se integrem no Reino de Deus. E nesse sentido fazemos os seguintes apelos a todos os cristãos:

1.º — Apelamos para as Igrejas de todo o mundo para que se unam em concertos de oração, afim de que o despertamento espiritual que já se manifestou em algumas terras se espalhe por toda a parte, até que venha de todas as nações, através do seu testemunho e serviço, uma resposta para a evangelização do mundo.

2.º — Apelamos para as Igrejas mais antigas para que atendam melhor à solicitação das Igrejas mais novas no que respeita ao aumento de missionários para a realização da grande tarefa evangelística que ainda está por terminar.

3.º — Apelamos para as Igrejas situadas nas proximidades de regiões fechadas às sociedades missionárias, como o Tibet e o Afganistão, para que considerem novos meios de propaganda pelo evangelismo pessoal e voluntário.

4.º — Apelamos para todas as missões que pretendam abrir trabalho em uma nova zona, para que o façam, sempre que possivel, mediante um entendimento com as missões e Igrejas já estabelecidas nos campos contíguos.

5.º — Apelamos para todas as Igrejas para que façam um estudo minucioso do trabalho imediato a ser realizado em suas zonas, referente ao evangelismo, de modo que um movimento de avanço evangelístico seja iniciado em todas as terras, mediante a vida e o testemunho de todos os cristãos.

6.º — Apelamos para que se realize um novo esforço em favor de uma cooperação mais real na grande obra de evangelismo, de modo que as várias missões e igrejas que trabalham em determinada zona assumam a sua responsabilidade em conjunto, unindo seus recursos em homens e dinheiro, afim de satisfazer eficientemente as necessidades evangelísticas das grandes cidades e das extensas zonas rurais, e para bem aproveitar as oportunidades urgentes que surgem com os inesperados crescimentos da Igreja Cristã, como na África e na Índia.

7.º — Apelamos para os Conselhos Cristãos Nacionais para que coloquem o evangelismo em primeiro lugar nos seus programas nos anos vindouros.

8.º — Apelamos para as Igrejas mais novas para que auxiliem as Igrejas mais antigas, enviando-lhes missões, ou embaixadas, de bom testemunho e de camaradagem cristã.

IV

O LUGAR DA IGREJA NO EVANGELISMO

I

A evangelização do mundo é a tarefa que Deus confiou à Igreja. Isto é inerente à natureza da Igreja, como o Corpo de Cristo, criado por Deus, para continuar no mundo o trabalho que o Senhor Jesús iniciou por meio da sua vida e dos seus ensinos e consumou com a sua morte e ressurreição. Esta concepção da Igreja como a grande missionária, para exercer a sua missão no mundo, encontra-se no Novo Testamento. A evangelização realizada pela Igreja é a expressão do seu amor devotado a Cristo e da compreensão que lhe é ministrada pelo Espírito Santo, quanto a Cristo, como a resposta divina às necessidades dos homens.

A característica essencial da Igreja é justamente a manifestação em sua vida e atividade do conhecimento desse grande amor de Deus pelos pecadores.

As igrejas locais têm sido, muitas vezes, desleais ao seu Senhor, e, portanto, à natureza da própria Igreja

em geral. Nesta fase da história da Igreja e das nações, o Congresso Internacional de Missões chegou à conclusão de que as igrejas em todas as partes do mundo deveriam examinar-se a si mesmas, novamente, e tambem deveriam voltar-se de novo a um estudo prático e intenso da vida e dos ensinos de Jesús Cristo e dos aspectos essenciais da vida da Igreja do Novo Testamento, dessa Igreja que desde o dia de Pentecostes manifestou um poderoso testemunho coletivo e individual fora do comum, dados os meios humanos tão insignificantes que foram empregados.

As condições na atualidade são muito diferentes das do tempo do Novo Testamento. Têm havido consideraveis desenvolvimentos e mudanças na vida social, econômica e política da humanidade. A mensagem cristã se apresenta hoje a homens cujo conhecimento espiritual provem de religiões antigas ou de filosofias modernas, que têm muito pouca ou nenhuma ligação com o pensamento através do qual a revelação divina foi transmitida ao mundo, nos dias em que o som do Evangelho se fez ouvir pela primeira vez na terra. Ainda que essas diferenças imponham grandes modificações ao evangelismo das Igrejas modernas, contudo, essas modificações são de carater externo e não influem nos princípios essenciais da nossa grande tarefa.

II

A mensagem que a Igreja tem de apresentar ao mundo concretiza-se na Pessoa do Senhor Jesús Cristo

e na grandeza da sua graça e do seu poder. A obra de evangelismo é apresentar os fatos da vida terrena de Jesús Cristo, os seus ensinos incomparaveis a respeito de Deus e do homem, e exaltar a sua personalidade, proclamando-o como o Cristo Crucificado, Ressurreto e Glorificado, de tal maneira, que os homens despertem para as cousas de Deus, reconheçam os seus pecados, sintam a sua separação do Criador, e assim sejam impelidos a um verdadeiro arrependimento e àquela determinação pela qual crêm e recebem o perdão de seus pecados, mediante Cristo, e entram numa nova vida de confiança e obediência a Deus e de abundante esperança quanto a este mundo e ao mundo vindouro. Para que esta nova vida se mantenha e se manifeste, é necessário que os homens participem da comunidade cristã, de modo que aquele que assim recebeu a graça e o perdão de Deus, deve ao mesmo tempo entrar na sociedade dos crentes e por sua vez tornar-se testemunha da Verdade.

O evangelismo, não obstante envolver aquela influência mútua entre as criaturas humanas, o seu espírito é todavia muito diferente desse espírito de dominar ou de acometer pela força a personalidade dos outros. Pelo contrário, o evangelismo, dando ênfase à libertação regeneradora do pecado, à liberdade dos filhos de Deus e à esperança e promessa da vida eterna, tem um respeito muito profundo pela personalidade humana.

E se não fôra a operação do Espírito Santo, servindo-se dos discípulos de Cristo como seus instrumentos, esse alevantado objetivo do evangelismo jamais seria

atingido, dadas as fraquezas próprias da natureza humana. Na realidade, pois, o evangelismo é o instrumento pelo qual Deus, mediante o Espírito Santo, exerce a sua poderosa influência sobre o espírito dos homens.

O Evangelho de Cristo é portador da sublime visão e da radiante esperança concernentes à transformação social e à realização dos grandes ideais de justiça, liberdade e paz. Uma Igreja viva não pode desprezar as atividades práticas referentes às condições sociais. O verdadeiro evangelismo terá sempre uma visão do futuro, ainda que certos pontos práticos sofram alterações de uma época para outra, ou de um país para outro, de acordo com as condições existentes. Serviços ativos prestados à sociedade que nos cerca, no poder e na boa vontade de Deus para remir essa sociedade, são conseqüências enevitaveis das novas relações pessoais com Deus, mediante o Evangelho. Os programas socais, mundanos, não provêm naturalmente do Evangelho; nenhum desses programas pode pretender encarnar a mensagem cristã.

III

A Conferência Internacional de Missões entende que cada parte da obra cristã deve ser saturada do propósito inabalavel e conciente de evangelização, e, orientada por ele, deveria constituir-se uma realidade em todas as atividades práticas das Igrejas. Obras referentes à cura do corpo, à educação, à distribuição da Bíblia e da literatura cristã, ao desenvolvimento da vida rural e ao

melhoramento da sociedade, têm o seu lugar no programa do Evangelismo, quando expressam o espírito do amor cristão e interpretam a Pessoa de Cristo aos homens. Os que tomam parte em tais atividades são constantemente desafiados quanto à necessidade de ganhar homens para Cristo. Sem atender a esse repto, o testemunho desses cristãos, como intérpretes do Senhor Jesús, seria incompleto.

1. O movimento evangelístico da Igreja brota diretamente da *congregação* ou igreja local. Quando seu culto coletivo e a vida de seus membros vibram com a presença de Deus, o meio evangélico torna-se frutífero. Dons pastorais e evangelísticos são desenvolvidos entre os membros da congregação e os dirigentes surgem em grande número e são arregimentados pela Igreja.

O amor e o zelo da congregação se manifestam em esforços definidos quanto à evangelização daqueles que estão de fora, esforços que devem merecer o apoio real e prático de cada membro da igreja, por meio de um trabalho ativo de evangelismo pessoal. Alem disso, a vida espiritual da Congregação se fortalece admiravelmente, à medida que se faz qualquer esforço nesse sentido.

2. A maior responsabilidade, referente ao espírito de evangelização, pesa sobre o pastor da igreja local. Ainda que responsavel pela evangelização, seu primeiro dever é trabalhar para levar cada membro de sua igreja a uma comunhão conciente com Deus. Cada uma de suas atividades, seja a prégação, o ensino ou as relações pas-

torais diretas com indivíduos, deverá ter sempre esse objetivo em vista. Pelo seu exemplo e ensino e pelo contágio do seu próprio entusiasmo evangelístico, o pastor poderá inspirar toda a congregação, para que cada membro faça a sua parte na obra do evangelismo; para que todos, devidamente preparados, saibam dar seu testemunho no meio em que vivem; e para que o trabalho seja sabiamente planejado e os membros todos o realizem, guiados pelo pastor.

3. Ainda que insistimos na responsabilidade fundamental do pastor como evangelista, ao mesmo tempo reconhecemos que há um dom especial para o evangelismo, o que fará com que se escolham evangelistas inteiramente dedicados à essa obra, para realizar um trabalho mais especializado do que o do pastor, e com um campo de ação mais amplo do que o dos obreiros leigos voluntários.

Duvidamos, seriamente, que seja medida sábia, nos campos onde a Igreja está firmemente estabelecida, a continuação de evangelistas especiais, a não ser que queiramos alcançar certa classe de pessoas, doutra maneira inacessiveis. De qualquer forma, o nome "evangelista" deve ser reservado àqueles a quem de direito, e os que estão servindo como simples obreiros deverão ser designados doutro modo. Onde há pessoas com dons evangelísticos, deve-se conseguir que o seu trabalho seja devidamente ligado ao da Igreja e por ela coordenado, principalmente se os evangelistas especiais são os prepostos de u'a missão. Será tambem proveitoso que o

emprego de evangelistas e a direção e o controle de suas atividades fiquem ao critério da Igreja da região, e não exclusivamente sob o patrocínio de um Conselho ou Board missionário.

4. O missionário tem grande oportunidade e assume maior responsabilidade, como distinto do pastor, especialmente nos lugares onde o Evangelho é pouco conhecido, ou onde a Igreja ainda é fraca, sem produzir homens vocacionados para a obra especial de evangelização. Ao mesmo tempo é de muita importância que em toda a sua atividade evangelística, o missionário se considere a si mesmo como o agente e o instrumento da Igreja em que trabalha, identificando-se muito de perto com ela, e baseando seu trabalho na camaradagem cristã e na oração, cooperando com os membros da igreja local, para evitar que a obra de evangelismo seja considerada como sua e não como da igreja.

5. Em muitos países, os estudantes tomam parte no trabalho evangelístico e o seu testemunho tem sido muito aceitavel.

Essa atividade dos estudantes cristãos não representa, contudo, a sua maior responsabilidade, porquanto a sua principal responsabilidade está nos trabalhos por eles realizados nas Universidades, Escolas Superiores e Ginásios. Aí deverão eles ter o auxílio de pessoas experimentadas, que compreendam a mentalidade do estudante e que procurem resolver, à luz da fé cristã, os complexos problemas dos meios estudantinos. Damos boas vindas a toda a cooperação realizada entre os mo-

vimentos de estudantes cristãos e as igrejas, porque o evangelismo feito por estudantes só se torna realmente produtivo quando atrai homens e mulheres à vida das igrejas, e porque as igrejas precisam muito da contribuição do pensamento e da vida com que os estudantes podem concorrer.

6. Somos de opinião que todas as fases do trabalho evangelístico deveriam ser executadas pela participação de homens e mulheres, e que devia haver igual oportunidade de serviço, tanto para uns como para outros, não só no evangelismo propriamente, mas em qualquer outro departamento das atividades das igrejas. Há certos aspectos da tarefa evangelística em que, tanto homens como mulheres, cada qual na sua esfera, poderão apresentar contribuições especiais. Ambos se suplementam. O trabalho e os dons, em geral, são os mesmos.

IV

Sabemos de faltas e erros que têm havido em alguns aspectos do trabalho evangelístico das Igrejas e Missões, que se tornaram obstáculo à difusão do Evangelho de Cristo e à sua verdadeira aceitação. Em questões práticas de direção, organização e finanças, os métodos das Igrejas que enviam missionários, nem sempre têm sido adaptados aos característicos fundamentais do povo com o qual têm trabalhado, e assim produziram resultados superficiais, pelo que, a obra transformadora do Espírito Santo pouco se manifestou. Há o perigo de procurarmos aumentar o número de membros na igreja em detri-

mento da ampla significação e do verdadeiro objetivo do evangelismo. A Igreja tambem é tentada a enfraquecer seu testemunho em face dos problemas relacionados com governos amigos ou hostís. Hábitos e práticas individuais e sociais, que são assuntos sem importância para a Igreja, em certas regiões, em outras podem tornar-se um escândalo, e portanto um obstáculo ao evangelismo; em tais assuntos é dever de todos considerar o princípio estabelecido em I Cor. X:32-33, evitando, ao mesmo tempo, que padrões menos elevados de conduta se tornem leis para a comunidade cristã.

Em muitos países, as diferenças denominacionais e a existência de profundas divisões raciais, dentro das próprias igrejas, obscurecem o testemunho da Igreja quanto ao Evangelho e paralisa seus esforços na tarefa de ganhar homens para Cristo. Alem de tudo isto, há grandes obstáculos e dificuldades inerentes ao objetivo e ao carater do próprio trabalho e à situação daqueles a quem o Evangelho é proclamado. Achamos que estes, e muitos outros obstáculos à difusão do Evangelho, poderão ser vencidos por completo, à medida que as igrejas e seus membros se dicidirem a enfrentar resolutamente a fraqueza radical da sua própria vida, o que diminue o seu poder de iluminar as trevas espirituais do nosso tempo e de livrar os homens da confusão em que se encontram nos dias atuais.

Encarando as condições do mundo moderno e de suas grandes necessidades espirituais, o Conselho Internacional de Missões apela a todos os seus membros reunidos aquí, em Tambaran, Índia, para que analisem

seus próprios corações e vidas, afim de desarraigarem tudo o que neutraliza a ação da Palavra de Deus, e possam assim comungar com Deus, para que ele a todos perdoe e se revele na plenitude do seu poder. O Conselho pede ainda a cada um dos seus membros que leve às Igrejas donde vieram um grande apelo para que todas examinem com franqueza os obstáculos à difusão do Evangelho, obstáculos que surgem na vida das próprias Igrejas, e para que todas apresentem esses problemas constantemente a Deus, em oração, de modo que ele purifique e renove a sua Igreja e a faça cumprir com a Vontade divina no mundo, como instrumento poderoso para uma extensão maior do Reino de Jesús Cristo aquí na terra.

V

A IGREJA EM FACE DAS OUTRAS RELIGIÕES

O SURTO DE NOVOS CULTOS E NOVAS FORMAS DE PAGANISMO

Surgem novos cultos no Oriente e no Ocidente que vêm ao encontro de certas necessidades humanas, básicas, tais como a paixão pela vida em si e um plano mais elevado de viver, a aspiração pelo contato com o misterioso e com o espírito dos mortos, o desejo de alcançar a unidade cósmica, bem como o impulso e anseio de escapar às imoralidades e às apreensões ocasionadas pelos males do mundo moderno. Esses cultos são novos somente no sentido de emergirem em termos de vida moderna. Até onde o ensino e a prática dos cristãos deixaram de testemunhar da providência de Deus e da vida eterna, fatos que nosso Senhor proclamou em sua vida, nós nos tornamos co-responsaveis pelo desenvolvimento desses cultos.

Essas novas formas de paganismo que provem de uma visão secularizada da vida, serão tratados minu-

ciosamente noutro relatório. O comunismo, quando baseado numa filosofia materialista, é um exemplo frisante desse paganismo; igualmente o são os sistemas nacionalistas, quando fazem da Nação, do Estado ou de raça o objeto de adoração, preferindo as autoridades desses sistemas à suprema autoridade de Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesús Cristo. Quando os guias desses movimentos se voltam contra a Fé Cristã, não raro é porque muitas das aspirações de carater cristão, que mais profundamente os impressionam, foram esquecidas ou suprimidas pela Igreja. Esse fato deve levar todos os cristãos a se penitenciarem e a realizarem um esforço especial na aplicação dos ensinos de Cristo em todos os problemas e circunstâncias da vida.

O TESTEMUNHO DA IGREJA NAS NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS DA ATUALIDADE

Ainda que muitas das mudanças efetuadas nas religiões pagãs do mundo sejam em parte causadas pela influência indireta das Missões Cristãs, contudo seria um erro considerar tal fato como alvo do esforço missionário. O objetivo do nosso trabalho evangelístico não se alcança senão depois que todos os homens, em todo o mundo, tenham o conhecimento de Deus e aquela fé salvadora no Senhor Jesús Cristo. Portanto, neste mundo mutavel precisamos reafirmar a grande mensagem que representa o nosso testemunho referente à graça divina. E essa grande mensagem é que Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo.

Cremos que Deus se revelou a Israel, preparando o caminho para a sua revelação completa em Jesús Cristo, seu Filho, nosso Senhor. Cremos que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida para todos, e que somente ele satisfaz às necessidades do mundo. Por esta razão é indispensavel testemunharmos o nome de Cristo em todo o mundo.

Há muitas religiões pagãs no mundo que reclamam para si a dedicação leal das multidões. Vemos e reconhecemos claramente que há nelas valores de profunda experiência religiosa, e grandes vitórias morais.

Não obstante, ousamos persuadir a todos os homens que venham e se assentem aos pés de Cristo. Fazemos isto porque cremos que somente em Jesús Cristo se encontra a salvação completa de que necessita o homem.

A humanidade jamais viu cousa alguma comparavel ao amor redentor de Deus revelado na vida, morte e ressurreição de Cristo. O que ele é para nós, Juiz e Redentor, Mestre e Amigo, Irmão e Senhor, desejamos ardentemente que o seja tambem para os outros.

Nosso conhecimento de Deus mediante Cristo, como o grande amor, santo e compassivo, dirigindo-se imparcialmente a todos os seus filhos desviados, dá-nos a entender que em toda a parte e em todos os tempos ele tem procurado revelar-se aos homens. Não permitiu que no mundo faltasse testemunho em seu favor. Alem disso, os homens o têm procurado através de todos os séculos.

Não raro essa busca tem sido mal orientada, mas há evidências de que a compaixão de Deus pelos seus

filhos tem tido de algum modo certa correspondência da parte destes.

Quanto às religiões não-cristãs como sistemas completos de pensamento e vida, se são portadoras, em algum sentido, da revelação de Deus, é um assunto em que os cristãos não estão de pleno acordo entre si. Esta é uma questão que requer pensamento urgente e estudo em conjunto, pois cremos que toda a apreensão e experiência religiosas devem ser provadas plenamente perante Deus, mediante Cristo; e percebemos que esta é a verdade tanto dentro como fora da Igreja Cristã. Cristo é revolucionário: ele opera a conversão e a regeneração, quando nós temos contato com o seu Santo Espírito, qualquer que seja o ponto em que estivermos. Paulo disse: "O que era para mim lucro, eu o considerei como perda por amor a Cristo".

Em consequência deste ponto de vista da vida religiosa da humanidade a Igreja é impelida a dar constantemente, e com vigor, o seu testemunho.

A IGREJA DEVE APROVEITAR TUDO AQUILO QUE DAS ALTURAS TRADICIONAIS POSSA CONTRIBUIR PARA O ENRIQUECIMENTO DA SUA VIDA E DE TODA A IGREJA UNIVERSAL

Quando as igrejas se desenvolvem no ambiente das religiões e culturas não-cristãs, é necessário que elas fiquem firmemente radicadas na herança cristã e na comunhão da Igreja Universal. As igrejas têm o seu lugar na grande fraternidade cristã de todas as épocas

e raças. Mas elas devem radicar-se tambem no solo nacional.

Portanto, afirmamos resolutamente que o Evangelho deveria ser expresso e interpretado em formas nacionais, e que nos métodos de culto, instituições, arquitetura, etc., a herança espiritual da nação deve ser utilizada. O Evangelho não se restringe de maneira alguma às formas e métodos importados das igrejas mais antigas. O esforço de dar a Cristo o seu devido lugar no coração do povo que antes não o conhecia, de modo que o Senhor Jesús não seja um estrangeiro, nem tão pouco um deformado por padrões alheios ao verdadeiro cristianismo é notavel tarefa espiritual, cujo cumprimento dará oportunidade a que uma Igreja nova apresente à Igreja Universal uma rica contribuição.

VI

O TESTEMUNHO DA IGREJA

A Igreja Cristã deve sentir-se envergonhada à medida que contempla o amor ao dinheiro, a arrogância racial e a insensibilidade quanto ao respeito à personalidade humana, cousas que corrempem a civilização contemporânea e que chegaram a penetrar nos limites da própria Igreja. A civilização levada do Ocidente ao Oriente e à África, em conjunto com o Evangelho, determina sérios embaraços no Caminho do Reino. Desde o início o Cristianismo movimentou-se para a Ásia e a África, bem como para o Ocidente, e assim não se deve confundí-lo com qualquer outro tipo de civilização. Alem das fronteiras da própria Igreja, há atualmente multidões que professam outras crenças, mas que respeitam e amam, de um certo modo, a Jesús Cristo, e a-pesar-de não aceitarem publicamente a sua direção espiritual, reconhecem, todavia, a maravilha da sua personalidade incomparavel.

Quaisquer que sejam os novos esforços para apresentar o Cristianismo, em face das mudanças por que

passam as crenças não-cristãs, o âmago do Evangelho permanecerá inalteravel, e a obrigação da Igreja de dar o seu testemunho a toda a humanidade deverá ser fiel à vontade do seu Senhor. Na verdade, o contínuo desenvolvimento de adaptação de métodos surge diretamente do impulso perpétuo de ir e prégar o Evangelho a toda a criatura.

À medida que a Igreja mundial, nesta crise trágica, começa a receber as impressões da Vontade revolucionária de Deus no que respeita à regeneração da vida do homem, seu coração deve ser impulsionado e sua vontade despertada para uma nova dedicação ao seu Senhor, afim de que o seu Reino venha e a sua santa vontade seja feita assim na terra como no céu.

É Cristo e tão somente Cristo que temos para apresentar ao mundo perdido.

O LUGAR DAS INSTITUIÇÕES NO TESTEMUNHO DA IGREJA

São sobejamente reconhecidas a grande influência e a utilidade das instituições cristãs como parte integrante do testemunho da Igreja. Seu serviço é mais construtivo quando estão intimamente associadas com o programa cristão no seu todo, quando evitam as tendências de absorver uma proporção indevida dos recursos disponiveis e quando não se tornam exclusivistas.

I. Instituições Médicas Cristãs

a) O ministério da saude e da cura, quando parte integrante do testemunho da Igreja, é um poderoso auxílio ao evangelismo. Interpreta o amor de Deus, exemplifica o espírito de fraternidade, e enfraquece o poder da magia e superstição.

b) Torna-se mais eficiente a proclamação do Evangelho quando reforçada pelo ministério da cura.

O trabalho de evitar e curar as moléstias deve ser considerado como responsabilidade conjunta, da igreja local e do hospital.

II. Instituições Cristãs Educativas

a) Todos os colégios e Escolas Superiores Cristãs, quando intimamente relacionados com a vida e o trabalho da Igreja nacional, têm papel importante na tarefa evangelística.

(1) Poderão reforçar o testemunho coletivo da Igreja como centros de luz cristã e de verdade, pelo poder educativo que provêem e, no caso das Escolas Superiores, pelo serviço prestado ao desenvolvimento cultural e às pesquisas elaboradas.

(2) Poderão ser meios, nas mãos de Deus, para ganhar a mocidade de cada país, tornando cada moço em leal discípulo de Jesús Cristo.

(3) Poderão preparar homens e mulheres de in-

teligências cultas e acentuado carater cristão para o ministério da Igreja e para servir a comunidade em todas as carreiras.

b) Há testemunho mais poderoso no colégio ou na Escola Superior, quando a proporção de professores e estudantes cristãos é suficiente para criar uma atmosfera verdadeiramente espiritual, e quando o número total de alunos é devidamente limitado de modo que se consiga uma relação íntima e frutífera entre o professor e o estudante. O colégio cristão deve ter como objetivo ser uma verdadeira sociedade cristã em que a vida coletiva seja vivida e experimentada realmente por todos os que são admitidos em sua comunhão.

c) As escolas primárias cristãs têm prestado valioso serviço ao evangelismo, mediante a educação dos filhos de crentes, e em alguns países têm sido um meio eficaz na evangelização das comunidades que servem.

d) Os colégios cristãos podem apresentar uma contribuição satisfatória ao evangelismo, somente onde estiverem livres de embaraços para dar o seu testemunho especial. Tendo isto em vista, impõe-se talvez como medida eficiente que haja menos escolas, porem de qualidade melhor.

RECOMENDAÇÕES

O Conselho, crendo que devemos esperar grandes cousas de Deus e realizar grandes cousas por Deus, faz

as seguintes recomendações com referência ao método e programa para o trabalho evangelístico:

1. Que seja dada constante atenção, pelos Conselhos Cristãos Nacionais, pelas organizações e indivíduos responsaveis dentro de cada ramo da Igreja, ao problema de despertar e manter em cada cristão o espírito e objetivo do evangelismo. Atualmente está empenhada na grande tarefa apenas uma parte muito pequena da força potencial da Igreja.

A recomendação de Cristo, afim de que orássemos em favor de obreiros para a sua seara, nunca foi tão apropriada e urgente como na atualidade. O aproveitamento e o preparo da mocidade, dos leigos, das mulheres, dos novos convertidos, de todos os que possuem recursos especiais de educação ou de finanças e o seu emprego dentro de uma esfera de mais larga influência, são de importância capital.

2. Que doravante as Igrejas e Missões considerem toda a sua tarefa evangelística como uma responsabilidade a ser realizada em conjunto e que seu esforço de evangelização seja feito em maior escala e numa verdadeira cooperação interdenominacional. Nestes últimos anos, grandes resultados foram obtidos pela eliminação de atividades coextensivas e da competição. Para consolidação e melhor aproveitamento desses resultados, é necessário que os esforços realizados em conjunto pelas Igrejas sejam empregados para levar homens a Cristo, sem considerar as vantagens relativas de cada denominação.

3. Que se façam esforços conjugados em todas as regiões para apresentar o evangelho de Cristo a classes e grupos especiais, como por exemplo, às populações rurais, às classes trabalhistas, aos estudantes, às profissões liberais, e a grupos raciais, linguísticos e sociais. Visando a esse objetivo, deveríamos ter disponiveis para o mais amplo aproveitamento de todos, não só o pessoal, mas todos os recursos de entendimento e influência desenvolvidos dentro de qualquer denominação, grupo racial ou área geográfica. A lealdade a Cristo requer discernimento de nossa parte, quanto ao abandono de métodos que não têm dado resultado e no emprego dos que têm sido valiosos e práticos.

4. Que se empregue mais amplamente a literatura na edificação da Igreja e na apresentação do Evangelho. Urge aproveitar as grandes possibilidades de evanlização por meio dos jornais.

Torna-se tambem necessária a provisão de literatura para satisfazer às necessidades de adultos analfabetos e semi-analfabetos. Deve-se adotar e desenvolver em bases cooperativistas o uso do rádio e de outras invenções modernas.

5. Que se façam aproximações especiais entre o Conselho Internacional,os Conselhos Cristãos Nacionais, as organizações relacionadas com as sociedades missionárias e as Igrejas que participam do nosso objetivo comum, mas não observam os princípios de operação em conjunto, no sentido de obter a sua participação de um grande esforço cooperativo. A Igreja em geral sofre

porque a influência e a compreensão mútuas, bem como a comunhão verdadeira, são limitados pela falta de cooperação.

6. Que se preste atenção urgente à consagração de recursos disponiveis de pessoal e de finanças, em regiões em que se percebem claramente a direção de Deus e a atitude responsiva da Igreja, pela ampla aceitação do Evangelho. O fato de que inúmeros indivíduos desejam, em vão, a comunhão cristã, a instrução e a direção nas questões referentes às cousas de Deus, enquanto que as pessoas qualificadas para auxiliá-los, em vez de o fazerem, se ocupam de outros setores do trabalho evangélico, deve levar-nos à mais minuciosa análise, para sabermos qual é realmente a vontade de Deus.

7. Para que se desempenhem com eficiência de suas responsabilidades, os ministros devem estar preparados para dirigir as suas congregações no trabalho evangelístico. É necessário que haja frequentemente revisões do currículo e dos métodos nas escolas que preparam os jovens para o serviço cristão, afim de aumentar a eficiência do evangelismo. O preparo intelectual deve ser completado por visitas de observação e estudos às regiões onde os esforços evangelísticos têm sido coroados de êxito; pela superintendência de trabalhos práticos; e pela participação periódica em cursos breves de especialização. O ministro deve orientar e preparar toda a sua igreja, não só quanto ao dever de dar testemunho em favor de Cristo, mas tambem quanto aos métodos de testemunho. O sustento financeiro da

Igreja e o seu programa missionário devem ser ensinados como uma parte necessária, mas somente aquela parte que respeita à obrigação de evangelizar. É mister que haja precaução contra o perigo de considerar a contribuição financeira como o suficiente no desempenho do dever de evangelizar.

8. Que se empreendam em cada Igreja e Missão nobres esforços para coordenar todo o trabalho evangelístico, visando à produção de resultados melhores. É claro que os esforços para levar os homens a Cristo são mais frutíferos quando tambem procuramos evangelizar suas esposas, e que as dificuldades na maneira de apresentar o evangelho às mulheres são reduzidas quando há esforço simultâneo de salvar seus maridos.
Em qualquer parte em que ensinarmos as crianças a respeito do Salvador, devemos fazer esforços especiais para alcançar tambem seus pais.

9. Que se façam estudos especiais dos problemas de evangelismo em regiões urbanas e industriais e que se formulem planos para um movimento conjugado e triunfante nessas regiões. Entre os problemas urgentes que requerem estudo especial notamos: (1) como todos os cristãos poderão relacionar-se eficientemente com a Igreja; (2) como se poderá viver alegremente de acordo com a fraternidade cristã, numa organização social económica repleta de crueis rivalidades; (3) como poderemos vencer o antagonismo que há entre comunidades raciais e religiosas; (4) como os cristãos que vivem espalhados, sob condições que prevalecem em nossas ci-

dades modernas, poderão manter uma comunhão real com Deus; (5) e que caminhos estão abertos e quais os métodos que estão em prática, mais eficientes, para um testemunho evangelístico em favor de Cristo nas cidades? Visto que as regras das Comissões que orientam as relações entre as Igrejas não têm sido aplicadas às cidades, a necessidade de cooperação quanto ao trabalho dos centros urbanos é de especial urgência. Em geral, a opinião pública forma-se nas cidades. É, portanto, de importância fundamental que haja contínuo testemunho público em favor da unidade essencial da Igreja de Cristo, e do seu próprio ministério de reconciliação.

VII

A VIDA INTERNA DA IGREJA

RECOMENDAÇÕES SOBRE O CULTO

1. Visto que o sacramento da comunhão e adoração que nosso Senhor instituiu ao partir do pão e ao beber do cálice, é precioso ao seu povo e constitue para muitos o ato central da sua vida religiosa, recomendamos que cada igreja se esforce para orientar seus membros a uma compreensão e experiência mais profundas do significado dessa comunhão do corpo e do sangue de Cristo. Pelo enriquecimento de sua própria experiência, cada igreja terá sua contribuição a apresentar à vida comum da Igreja do futuro, e assim perceberemos que Deus está dirigindo o seu povo.

2. Recomendamos que nas intercessões públicas se dê lugar saliente às necessidades e questões contemporâneas e às realidades da vida social, econômica, nacional e internacional.

3. Reconhecemos a profunda bênção espiritual que

se têm muitas vezes originado nas reuniões espontâneas de oração, e estamos convictos tambem dos frutos reais da oração silenciosa nos cultos públicos, em que o povo de Deus procura sentir reverentemente sua santa presença e ouvir sua voz falando aos seus corações, mediante o Espírito Santo. Reconhecendo que o uso de tal silêncio é uma arte a ser aprendida, recomendamos que as igrejas e congregações cultivem-na gradualmente de modo que possam gozar dessa experiência rica e frutífera.

4. Crendo que a adoração deve envolver uma disciplina progressiva bem como a renúncia própria, afirmamos a necessidade de um preparo constante e progressivo na vida espiritual diária, quer individual, quer coletiva. Desejamos ver tal preparo planejado para as crianças, para os que se unem á Igreja e que vêm de crenças não-cristãs, e para as congregações e grupos de crentes. Neste sentido recomendamos que o preparo de líderes cristãos inclúa direção na vida religiosa pessoal, e tambem o ensino na arte de orientar outras pessoas na vida devocional particular e nos cultos públicos.

5. *a*) Reconhecendo que pelas Escrituras Sagradas obtemos o conhecimento de Deus e de sua revelação aos homens e que tal conhecimento é a base da fé e da adoração, nós recomendamos o uso apropriado de palavras das Escrituras nas orações e em ações de graças, e escolha sistemática e cuidadosamente selecionada de

trechos do Antigo e do Novo Testamentos nos cultos, levando-nos a um conhecimento de toda a Bíblia.

b) Visto que a nossa Bíblia contem o Antigo e o Novo Testamento, recomendamos novos estudos dos tesouros a serem encontrados no Antigo Testamento. Sua história apresenta a personalidade e os objetivos de Deus, os salmos são um tesouro devocional, os profetas têm desafiado a conciência de gerações sucessivas de cristãos. O Antigo Testamento deve ser usado à luz do Novo Testamento, do qual é verdadeira e divina introdução. A experiência nos indica não só a sua importância para o mundo moderno, mas tambem a sua influência vital na religião pessoal e coletiva.

c) Desejamos que a arte da leitura da Bíblia seja cultivada com clareza e discernimento. Recomendamos aos nossos irmãos o estudo dos vários métodos para se conseguir uma leitura da Bíblia mais sistemática, mais ponderada e mais devocional, quer individualmente, quer em família.

6. *a*) Tendo notado que há ótimas experiências em todo o mundo, no sentido de adaptar o culto às necessidades do povo de Deus, e tendo nós mesmos recebido ricas bênçãos ao ouvir o relatório de tais experiências, recomendamos que sejam elas coligidas e aproveitadas por todos.

b) Recomendamos ainda que o Conselho Internacional de Missões organize a coleção de programas de culto em uso nas Igrejas, com as respectivas traduções,

e que os Conselhos Cristãos Nacionais mantenham uma biblioteca constituida dos referidos programas, de muitos países, e que essa biblioteca esteja à disposição dos obreiros nas próprias zonas em que trabalham.

7. *a*) Notando que há em algumas igrejas muito desejo e noutras muita hesitação em aproveitar, nos cultos, a arte regional ou nacional, como sejam a música, a arquitetura, etc. recomendamos a publicação de literatura, a um preço ao alcance de todos, dando exemplos da música, ou de outras artes, aproveitadas na vida da Igreja noutras nações, e assim poderíamos experimentar a inspiração e alegria de levar a arte do nosso próprio povo como dádiva ao Senhor.

b) Esperamos que alguns princípios orientadores, que ponham em conexão a arquitetura com a adoração e com o testemunho, possam estar a dispor de qualquer Igreja ou Missão, desejosas de estudá-los.

c) Sabendo que em alguns casos os missionários pressurosamente transplantam do seu país a música, a arquitetura etc., para a vida das igrejas em que trabalham, recomendamos aos missionários que assim procedem o dever de auxiliar as igrejas mais novas na expressão de sua vida cristã, de tal forma que sejam expressões da herança nacional.

8. Sugerimos às comissões de literatura, em cada país onde a Igreja está estabelecida há pouco tempo, a necessidade de um desenvolvimento rápido da literatura devocional.

9. Recomendamos que se inicie um estudo dos métodos, pelos quais um indivíduo de crença não-cristã, entrando para a Igreja, possa, antes e depois do batismo, ser preparado da melhor maneira possivel e sentir-se perfeitamente ambientado no culto cristão, individual e coletivo.

10. Recomendamos que se organize uma coletânea de informação com referência aos vários planos usados para estimular e orientar a leitura pessoal da Bíblia.

RECOMENDAÇÕES SOBRE O LAR

Visto crermos que o lar é fundamental na Igreja e na nação, e que é privilégio e responsabilidade da Igreja considerar novamente a contribuição que o lar cristão pode fazer para o estabelecimento de uma sociedade, que se baseie em Deus e por Deus seja controlada, achamos que os seguintes princípios e recomendações devem ser aceitos:

1. Ainda que a evangelização do mundo se baseie na aceitação individual de Jesús como Salvador e Senhor, o lar cristão é de importância vital para a vida espiritual e para o desenvolvimento do convertido.

2. O lar cristão deve cultivar o espírito altruista, desenvolvendo anualmente o sentido da responsabilidade para com os seus vizinhos, compreendendo seu lugar na comunidade cristã mundial, e ainda, sua responsabilidade para com o mundo não-cristão.

3. Visto que um dos fatores vitais no lar ideal é a igualdade de direitos entre os sexos, a Igreja deveria oferecer a mesma oportunidade para os homens e as mulheres em sua vida e trabalho.

4. Considerando que para um grande número de pessoas, os valores permanentes do lar dificilmente se realizam nas condições econômicas atuais, a Igreja deve esforçar-se constantemente para remover essas condições a se tornarem cristãs, até mesmo em circunstâncias adversas.

5. A Igreja deve amparar o esforço no sentido de melhorar a qualidade de todos os tipos de recreação comercializada (programas de rádio, filmes etc.), e deve instruir seus membros na seleção de tipos de diversão, compativeis com o crescimento do carater e a conduta cristãos. Deve estimular tambem a provisão dessas diversões dentro do próprio lar, procurando evitar as inclinações que mesmo em matéria de recreação tendem a partir os élos da vida familiar, ocasionando demasiada separação entre sexos e idades. Deve recomendar ainda o dever cristão da simplicidade de vida e de desprendimento material, num século em que muitos se tornaram demasiadamente ricos e de hábitos complexos de vida.

6. Às famílias cristãs recomenda-se o dever de colaborar com todos os que servem no lar, do melhor modo possivel. Isso no que se refere ao salário, horas de trabalho, condições de serviço e relações pessoais. O convite para o culto doméstico deve se estender a todos os

da casa, tendo-se o devido cuidado de atender, nesse culto, às necessidades de todos.

7. Os festivais do ano cristão devem ser observados no lar, de tal modo que conquistem a imaginação das crianças e as façam leais à verdade que representam. As cerimônias que já são herança cultural em terras influenciadas há pouco pelo Cristianismo, poderão ser conservadas, uma vez que sejam aceitas pela Igreja e recebam uma significação nova e cristã.

8. Visto que a vida cristã doméstica nem sempre pode ser desenvolvida só pelos elementos do lar, compete à igreja local fornecer instrução definida e preparo nesse sentido.

a) Deve a Igreja instar com seus membros para que façam de Cristo a figura central do lar, e a-pesar-de reconhecermos as dificuldades a serem encontradas, recomendamos que se estabeleça, de alguma forma, o culto doméstico. A Bíblia deve ser restaurada ao seu lugar de direito na família e na vida individual.

b) A Igreja deve recomendar aos pais a respeito do privilégio e da obrigação que eles têm de ensinar seus filhos a orar. À medida que os filhos crescem, deverão ser estimulados a desenvolver hábitos de devoção pessoal, respeitando os pais a individualidade de cada um, e provendo-lhes livros devocionais adequados para que extraiam deles o que estiver de acordo com as suas necessidades.

Os filhos devem ir à Igreja, com seus pais, desde a meninice.

A Igreja e o lar devem cooperar para tornar o domingo um dia de alegria e de santa recreação.

c) A Igreja deve estimular uma comunhão sadia entre moços e moças, de modo que, sendo possivel, façam escolhas inteligentes para o casamento. A educação em conjunto seria proveitosa nesse assunto tão importante. Em cooperação, a Igreja e os pais devem tomar atitudes cristãs referentes aos problemas da vida sexual. A Igreja deve prover cuidadosa instrução sobre o casamento para os moços e moças.

d) A Igreja deve tambem instruir os casais no preparo para a paternidade e maternidade e com referência às responsabilidades do lar. Isso deveria incluir o preparo nas relações sociais da família, o cuidado à criança e o aproveitamento do lazer. Os pais devem ser estimulados a apresentar seus problemas domésticos para serem considerados e devem receber orientação de como preparar seus filhos, pequenos ou grandes.

e) A Igreja deve prover instrução, desde a meninice, a respeito da mordomia cristã do tempo, dinheiro e propriedades. Deve estimular empreendimentos de famílias em conjunto para a manutenção do trabalho de Deus.

f) Para cumprir todo esse programa a Igreja precisará de obreiros preparados. Tal preparo deverá ser ministrado nos seminários aos futuros pastores, enquanto

que para os que já estão no ministério e para os obreiros leigos devem ser criados cursos especiais. Os Conselhos Cristãos Nacionais devem realizar esforços para encontrar homens e mulheres vocacionados que se tornem líderes da igreja local nessas questões de educação doméstica. Há necessidade de literatura especial que deve ser provida.

9. O grande número de mulheres solteiras no Ocidente e seu número crescente na sociedade cristã do Oriente constituem um novo fator da vida doméstica no qual a Igreja ainda não pensou cuidadosamente. Essas mulheres representam uma riqueza em preparo, experiência, tempo e serviço potencial, cuja importância dificilmente se calcula. Recomendamos à Igreja em todos os países que receba com toda a boa vontade seus serviços e atividades de que são capazes.

10. O Conselho Internacional de Missões deve animar a Igreja em todo o mundo a descobrir novamente a importância capital de um programa que promova o desenvolvimento de melhores lares cristãos.

11. O Conselho Internacional de Missões deve reunir as Igrejas em cada nação, afim de estudar os problemas que se referem ao lar cristão. O Conselho deve relacionar experiências no culto doméstico, no preparo de guias, na educação dos pais, na melhoria dos lares, e usar métodos pelos quais cada nação possa participar com as demais das experiências e conclusões obtidas.

Finalmente, recomendamos a todas as famílias cris-

tãs em todo o mundo a necessidade que há de restabelecermos em nossos lares o senso da presença de Deus: não para que isso seja discutido, mas para que confiemos nele, sirvamo-lo e amemo-lo, com verdadeira paixão, até o fim.

RECOMENDAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Os relatórios de cada área geográfica apresentados em Tambaram tornam bem claro que a Igreja deve estender-se amplamente, tornar-se mais eficiente e fortalecer mais o seu trabalho de educação religiosa.

A tendência em muitos paises é desviar a educação religiosa das escolas o que coloca essa responsabilidade, cada vez mais, sobre o lar e sobre a Igreja. Se é verdade, como muitos afirmam, que o meio para se destruir a religião é proibir a educação religiosa da mocidade, a Igreja deve demonstrar, com mais vigor, que o método de se efetivar o desenvolvimento das convicções religiosas permanentes, é, justamente, o de promover a educação religiosa. A Igreja não deve esquecer-se do lugar proeminente que Cristo deu às crianças.

Se alcançarmos vitórias com referência às crianças, êxito teremos afinal por toda a parte.

Os objetivos que a Igreja tem em vista mediante o seu programa educativo incluem compreensão e aceitação de Jesús como Senhor e Salvador; uma experiência da comunhão pessoal com Deus; uma filosofia cristã

da vida; um desenvolvimento contínuo e progressivo do carater que deve ser semelhante ao de Cristo; uma participação inteligente no trabalho em favor do melhoramento da ordem social; dedicação definitiva da vida à comunhão da Igreja, quer no seu culto, quer no seu trabalho, no país e no estrangeiro.

1. Recomendamos que se dê constante ênfase ao entrelaçamento da educação religiosa com o evangelismo. O evangelismo deve ser educativo e a educação religiosa deve ser evangelística. Ambos se completam.

2. Recomendamos que em cada missão haja difusão do uso de materiais de currículo que estejam enraizados na experiência racial, cultural e religiosa dos povos com os quais trabalhamos.

Alegramo-nos em ouvir os relatórios que atestam o progresso alcançado neste particular, especialmente na América Latina e na China. Deve-se considerar tambem as necessidades diferentes, em várias comunidades, tais como, em cidades, vilas, zonas rurais e em centros estudantinos.

3. Em vista dos enormes benefícios resultantes das campanhas de alfabetização promovidas nas Ilhas Filipinas, na Índia, na China e noutros campos missionários, recomendamos que a Igreja se empenhe mais ativamente nesse trabalho.

A contribuição mais eficiente que o movimento cristão pode apresentar contra o analfabetismo é vencer esse mal dentro das próprias fileiras evangélicas. À medida

que o analfabeto se alfabetiza, grandes e novas oportunidades se abrem para o desenvolvimento do trabalho de educação religiosa entre os adultos.

4. Recomendamos que se publique mais literatura sobre educação religiosa no vernáculo, levando-se em consideração especialmente as necessidades dos grupos de analfabetos e dos semi-alfabetizados.

5. Notamos que novos contatos tornam-se agora possiveis por meio do rádio, do cinema, e de representações dramáticas. Essas invenções modernas, particularmente o rádio e o cinema, que de muitos modos tornaram-se obstáculos ao trabalho da Igreja, estão agora sendo usados como instrumentos educativos eficientes para o avanço do Cristianismo. Ainda que não exista um substituto adequado para a personalidade, na prégação ou no ensino, e o ouvinte do rádio perca a comunhão coletiva de adoração na Casa de Deus, é, contudo, verdadeiro afirmarmos que a projeção da voz, e as representações cinematográficas tornam-se grande auxílio ao trabalhador cristão. A Inglaterra, os Estados Unidos e o Canadá realizam iniciativas dignas de menção, nesse respeito.

6. Reconhecemos em cada país as possibilidades ilimitadas dos movimentos, em conjunto, da mocidade. Um dos fenômenos mais animadores no empreendimento cristão é o grande interesse da mocidade pela vida cristã, nos recursos de Cristo para redimir e fortalecer a personalidade, e na obrigação do indivíduo trabalhar agres-

sivamente em favor de todas as boas relações sociais, econômicas e políticas. A Igreja deve ter um lugar em sua vida e no seu trabalho para a participação livre e criadora da mocidade, e deverá animar os movimentos em conjunto de todos os moços dentro de suas fileiras.

Louvamos o progresso significativo já alcançado em muito paises, na promoção de reuniões de verão e de conferências para a mocidade. O objetivo dessas reuniões de verão é em geral, duplo — o crescimento e enriquecimento da vida pessoal do jovem, e o seu preparo para vários tipos de serviço, quer em sua própria Igreja e arredores, quer na visão das atividades de carater mundial.

Recomendamos que essa forma de atividade entre os jovens seja mais estudada e frequentemente apresentada nos programas da juventude.

7. Considerando o fato de que em muitos paises há o perigo de haver desentendimentos entre as igrejas e seus membros estudantes, e em vista da necessidade que as igrejas têm de guias leigos instruidos, recomendamos que se dê atenção especial aos estudantes e particularmente aos das Universidades do Governo, ou particulares, nas quais não se ministra instrução religiosa. Nesse respeito, convem lembrar que a impressão mais profunda e mais duradoura a ser recebida pelos estudantes é aquela transmitida quando são evangelizados, ou pelos seus próprios colegas ou por aqueles que deles mais se aproximam em idade ou pensamento, no momento em que aceitam a sua responsabilidade evangelística e dão

expressão espontânea e independente às suas convicções cristãs, mediante o Movimento de Estudantes Cristãos ou grupos de estudantes nas igrejas.

O objetivo de todas essas atividades cristãs deve ser o de guiar os estudantes de modo que se identifiquem inteiramente com as suas próprias igrejas.

8. Não podemos tornar-nos indiferentes ao esforço deliberado e conciente, em muitos paises, quanto ao fato do Estado monopolizar toda a educação da mocidade. Tornamos nossa a declaração da Conferência de Oxford sobre "A Igreja, a Comunidade e o Estado" de que a Igreja deve ser livre "para ministrar a instrução religiosa à sua mocidade e prover-lhe desenvolvimento adequado à sua vida religiosa".

Recomendamos o enriquecimento contínuo da Escola Dominical no programa didático da Igreja. A Escola Dominical tem tido lugar fundamental no desenvolvimento da educação religiosa. É ainda o fator principal dessa tarefa. Organizada para auxiliar o trabalho evangélico e realizando um verdadeiro programa leigo, torna-se, cada vez mais, uma parte integrante da Igreja. Louvamos os esforços que se fazem para preparar melhor seus professores e aperfeiçoar seus cursos de estudos para todos os alunos. Relatórios animadores já foram recebidos referentes ao crescimento constante da matrícula na Escola Dominical em todo o mundo. Houve aumento na África, na América do Sul, nas Índias Holandesas e nas Igrejas Orientais, desde o Congresso Internacional de Missões reunido em Jerusalem em 1928, perfazendo

um total na atualidade de 40.000.000 de alunos, sendo a maioria composta de crianças.

9. A educação religiosa não é um capítulo a mais na igreja local, mas uma descrição de todas as suas atividades. Num sentido muito real, a vida, o trabalho e o culto da igreja local podem ser descritos como um empreendimento educativo.

Recomendamos que sempre se dê ênfase ao propósito educativo da igreja local e à coordenação de todo o seu programa, para evitar confusão, bem como para assegurar um programa bem organizado. Isto envolverá a atenção cuidadosa para cada aspecto da tarefa educativa da igreja local, incluindo o ensino sobre missões, preparo sobre o evangelismo, sobre mordomia do dinheiro, etc., bem como os planos para cada grupo, de acordo com as idades, ou os interesses especiais. Os elementos auxiliares, mediante os quais uma igreja qualquer faz seu trabalho educativo, tais como as Escolas Dominicais, sociedades de jovens, grupos para estudos missionários, clubes, programas noturnos para a comunidade local, escolas bíblicas de férias e escolas para instrução religiosa diária, deveriam ser coordenados em benefício do todo.

10. A força da vida espiritual da Igreja depende da força individual dos seus membros. Ainda que as experiências coletivas oferecidas na comunhão da Igreja e do lar sejam de grande importância para auxiliar a vida espiritual do indivíduo, não há cousa alguma que possa tomar o lugar dos hábitos pessoais do estudo da

Bíblia e da oração na vida diária do cristão. Uma das maiores evidências da fome espiritual do povo em todo o mundo encontra-se no grande aumento de vendas e uso de literatura sobre a religião pessoal e sobre o que se ouve, referente à experiência religiosa, de muitas partes do mundo cristão. Livros simples, que esclarecem o povo na leitura de suas Bíblias e auxiliam em descobrir o poder da oração em suas vidas, são procurados e lidos em grande escala, pelos membros da igreja e por muitos que não têm íntima ligação com a Igreja. Devemos ensinar constantemente aos que estão sendo admitidos à Igreja, bem como aos que já são membros, que não poderão progredir em sua vida espiritual, a não ser que formem e mantenham hábitos regulares da leitura bíblica e da oração. Estas práticas são parte indispensavel da vida cristã. A disciplina é necessária para o crescimento espiritual. A disciplina que produz fruto depende de uma regra de vida que dia após dia conduza o indivíduo pelo caminho ao qual o Mestre aponta como digno de ser percorrido pelos seus discípulos. O conhecimento que Cristo tinha das Escrituras, e sua dependência constante da oração, tornarão os seus discípulos desejosos de participar de tais experiências. Parte dos nossos esforços em instruir os membros das igrejas deve ser empregada na provisão de literatura simples de que necessita o indivíduo comum, para auxiliá-lo nessas práticas que têm sido tão indispensáveis à vida particular de cada um através de toda a história da Igreja.

11. Em geral, as Igrejas estão chegando à conclusão de que poderão dirigir e promover melhor a educação religiosa, à medida que trabalham em conjunto. Algumas dessas organizações de cooperação, com fins educativos, estão sendo coordenados com os movimentos gerais de cooperação das Igrejas, ou integrados neles, notadamente na China, nas Filipinas, Sião, México, Brasil, e no Congo Belga. Deve haver uma distribuição mais coordenada de todos os nossos recursos disponiveis, afim de que as recomendações apresentadas, e outras tarefas necessárias, sejam executadas tão eficientemente quanto possivel.

12. Recomendamos a coletânea de informações concernentes aos diversos planos em uso para o estímulo e orientação da leitura individual da Bíblia; além disso, as várias comissões de literatura deveriam relatar sobre quaisquer sumários breves ou auxílios publicados para orientar os novos leitores da Bíblia.

E recomendamos que uma breve descrição desse material, dando uma idéia de como pode ser usado e obtido, seja enviada às várias Igrejas e Sociedades filiadas ao Conselho Internacional de Missões, e esteja à disposição de todos os que desejam incentivo, quanto ao programa para estimular a leitura inteligente da Bíblia, no sentido de proporcionar verdadeiro auxílio no emprego devocional desse extraordinário livro.

VIII

O MINISTÉRIO NACIONAL — MINISTROS E LEIGOS

PREPARO TEOLÓGICO

Na maioria dos paises há necessidade de três tipos de preparo teológico, que poderão ser ou não ministrados em diferentes instituições. Em termos institucionais isto quer dizer:

(1) Escolas Bíblicas, para o preparo de obreiros leigos que dedicam todo o tempo ao trabalho da Igreja.

(2) Seminários, para o preparo do ministério.

(3) Faculdades Teológicas Superiores, para estudos superiores e de especialização.

O ponto essencial para o qual convergem todos esses tipos de preparo é uma sólida tradição de estudo e interpretação da Bíblia e, nesse ponto, os três tipos mencionados deveriam estar realmente em íntima conexão. Esses três tipos de ministério podem ser com-

parados, na profissão médica — (1) aos primeiros soccorros, (2) ao clínico geral e (3) ao especialista. Todos devem ter o mesmo acolhimento na Igreja, porque todos são igualmente necessários. Seria conveniente que esses três tipos trabalhassem em todos os paises principais do mundo

Há, contudo, ramos ainda mais elevados de estudos e preparo teológicos, que não se encontram em quaisquer paises da Ásia, África, ou da América Latina. Algumas Igrejas têm obtido ótimos resultados em enviar estudantes cuidadosamente escolhidos, depois de terem certo preparo teológico para fazerem estudos teológicos especializados, na Europa e na América do Norte. Cremos que isso é conveniente e deve ser feito quando possivel, mas tais estudantes devem ser enviados somente depois de terem feito o curso teológico em seus próprios paises. Nesse sentido, as Igrejas mais antigas poderão prestar um grande serviço às Igrejas mais novas.

Temos dado atenção especial ao trabalho do Seminário, no qual a grande maioria dos ministros se prepara. Em nosso modo de ver, as condições de entrada devem incluir:

(1) Instrução geral, pelo menos até ao padrão de entrada requerido em qualquer Universidade.

(2) Recomendação do candidato pela igreja local e por um Concílio regional.

(3) Um ou dois anos de trabalhos práticos em associação com um ministro experimentado. (Isto tem

sido de grande valor para avaliar a vocação daqueles que se sentem chamados para o ministério).

(4) Ter mais de 21 anos.

(5) Preparo de professor, onde as condições do país o permitam.

O período do preparo deve ser pelo menos de três anos, e, quando possivel, quatro ou cinco.

Recomendamos o seguinte tipo de currículo:

O vernáculo deve ser o meio de instrução. Até em paises onde, por qualquer motivo, convem que alguns assuntos sejam ensinados noutra língua, o vernáculo, todavia, deve ser o meio principal de instrução. É muito necessário que os estudantes, constantemente, leiam e estudem a Bíblia no vernáculo, e que saibam falar e escrever corretamente, com eficiência, em estilo literário e comum. Um segundo idioma como o inglês, ou alemão, poderá ser ensinado e usado, afim de pôr os estudantes em contacto com a literatura teológica do mundo.

Os estudos no Seminário devem incluir: 1. — Minucioso conhecimento da Bíblia, geral e especial. 2. — O Novo Testamento em grego poderá ser ensinado se não tornar o currículo pesado demais. 3. — Teologia Sistemática. 4. — História da Igreja Cristã, sua expansão, suas instituições, seu pensamento, seu culto, como referência especial ao país do estudante. Alem disso, os estudantes devem conhecer bem a história, a civilização e as religiões de seu próprio país,

ainda que não seja necessário repetir o que já aprenderam em sua instrução geral.

Parte muito importante do currículo é a teologia prática, que abrange — (1) o alimento espiritual do estudante, com hábitos de devoção pessoal e disciplina. Nesse sentido, tudo o que se fizer não será demasiado. (2) a aplicação da fé cristã a todas as circunstâncias da vida individual e coletiva.

Para tudo isso há necessidade de mais elevada imaginação, porem, provada por cuidadosas experiências e pelo ensino. É necessário que o estudante seja conhecedor dos problemas mais prementes da vida urbana e rural. Em particular, recomendamos que o preparo para o trabalho rural faça parte do currículo, tão cedo quanto possivel. Em conexão com isto, recomendamos à consideração cuidadosa de todas as Igrejas o preparo rural que se ministra no Seminário de Nanking, na China. Preparo para prégação, educação religiosa, evangelismo, direção do culto e cura de almas. Se possivel, os estudantes devem associar-se com o ministro de uma congregação, em seu trabalho. A música e o canto nativos devem ser ensinados como parte do curso regular.

Com referência ao terceiro tipo de preparo — estudos superiores e especializados de Teologia, talvez seja o suficiente fazer algumas e importantes considerações:

(1) O padrão requerido para admissão deve ser mais alto que o do Seminário, e que esse padrão revele

o seu valor no proveito recebido pelos estudantes, nesses cursos teológicos superiores. (2) A língua oficial deve ser a das universidades e não o vernáculo, se forem diferentes. (3) A extensão dos estudos deve ser mais ampla, incluindo as línguas originais da Bíblia, e os assuntos culturais que não foram devidamente examinados no preparo prévio dos estudantes. (4) Deve-se providenciar afim de que haja oportunidades para estudos superiores, especialização e pesquisa.

Com referência à localização de instituições teológicas, pode-se dizer que o Seminário deve estar em contacto mais íntimo com a vida da Igreja, e será tambem uma bênção se estiver em relação com uma universidade.

A Escola Superior de Estudos Teológicos deve estar mais em contato com uma Universidade; todavia, é imprescindivel que não se divorcie da vida da Igreja.

Para muitos dos problemas de educação teológica, a única solução se encontra na união orgânica da Igreja. Uma das dificuldades que defrontamos é o grande número de instituições pequenas, isoladas e com deficiência de elementos diretores, nas quais o padrão de trabalho é inevitavelmente baixo. É nossa firme convicção de que em quase todos os casos o preparo teológico não deve ser feito senão em bases cooperativistas, com a participação de um certo número de Igrejas. Em certas regiões pequenas isto talvez seja impossivel. Onde as Igrejas desejam manter uma tradição especial de doutrina ou de vida devocional, recomendamos o plano que foi adotado com êxito na Escola Superior de Fort

Hare, no Sul da África e em Cantão, no Sul da China, onde uma única instituição superior, apenas com uma Faculdade, é composta de vários prédios edificados e mantidos por Igrejas diferentes. Recomendamos que as Igrejas providenciem imediatamente para que as instituições fracas, e que pouco realizam, sejam consolidadas numa união orgânica e que procurem criar poucas, mas fortes instituições de ensino superior. A-pesar-do fato de que a principal responsabilidade financeira desse trabalho tenha recaido, por muitos anos, sobre as Igrejas mais antigas, é de importância capital que todas essas instituições teológicas tenham pouco a pouco a direção dos guias nativos.

Serviço Leigo Voluntário

A chamada de Cristo para o serviço evangélico no mundo vem a todos os cristãos. Origina-se diretamente da verdadeira concepção da natureza da Igreja e da sua tarefa no mundo. Cada membro tem a responsabilidade de participar do ministério cristão da Igreja.

Nos vastos campos rurais da Ásia, África e América Latina, com seu nivel econômico baixo e com a escassez de obreiros cristãos, pagos, a única esperança para a implantação firme e para o crescimento da Igreja, repousa nas imensas possibilidades de desenvolvimento do serviço leigo voluntário, pelo que o alistamento, o preparo e a superintendência dos leigos voluntários, deve tornar-se o centro do programa da Igreja, não somente para atender as igrejas que podem pagar seus

obreiros, mas especialmente para atender um maior número de igrejas rurais que recebem visitas somente de quando em quando, de um obreiro cristão que dedica todo o seu tempo ao trabalho.

Haverá formas diferentes de serviço a serem postas em prática pelas igrejas rurais e urbanas, por homens e mulheres, por jovens e adultos e por indivíduos de vários dons. Não podemos apresentar aquí uma lista grande, mas mencionaríamos, por exemplo, a direção de reuniões de oração na vizinhança, a direção do culto público na igreja local, o esforço em levar o Evangelho aos não-cristãos, o ensino nas escolas dominicais ou nas classes de jovens, ou de candidatos à profissão de fé, a alfabetização dos incultos, e o auxílio em campanhas em favor da saude pública e da higiene. Todos esses movimentos são importantes, mas todos devem partir da fonte viva da experiência cristã pessoal, todos devem estar firmados numa compreensão das Escrituras, e todos devem ser constantemente adaptados novamente às necessidades e condições mutaveis.

O método que prevalece no preparo leigo é o institudo de prazo curto que consta de 10 dias a 5 ou 6 semanas. A experiência nos tem ensinado que se deve tomar toda a precaução, para evitar que os leigos voluntários pensem que esse preparo venha a se tornar um meio de conseguirem qualquer salário na Igreja. Alem deste e de outros métodos que porventura sejam desenvolvidos, cremos que a cooperação absoluta e inteligente do ministro no preparo e na superintendência de obreiros voluntários é indispensavel. Por esse mo-

tivo, recomendamos a todos os Seminários que chamem a atenção de seus estudantes para a importância do ministro como um preparador de voluntários leigos, que lhes proporcione o ensino de que necessitam para cumprir sua tarefa.

O Preparo Após a Formatura

O preparo do ministro não deve terminar com sua formatura e ordenação. Se o preparo teológico, uma vez completo, não deixar os estudantes com um desejo de prosseguir nos seus estudos, no campo de sua escolha, pode-se dizer que esse preparo teológico fracassou. Tais estudos desenvolverão o hábito do pensamento sistemático, sem o qual o Evangelho não pode ser apresentado eficientemente a pessoas instruidas. Conservarão o ministro em contacto vital com o mundo em que vive, e torná-lo-á alerta em sua simpatia para com as necessidades humanas. Para muitas outras responsabilidades o ministro sentirá necessidade de preparo especial.

1. Algumas Igrejas notaram que um método eficiente de preparar jovens ministros após a ordenação, é mantê-los numa paróquia por alguns anos, como ajudantes, sob a direção de homens experimentados.

2. Será de proveito a manutenção regular de escolas regionais como, "cursos de estímulo" para os ministros. É um trabalho de necessidade que pode ser feito perfeitamente pelos Seminários.

3. A visita de ilustres pensadores das igrejas mais

antigas tem sido valiosa aos missionários e ministros de todos os tipos.

4. Muito auxílio poderá ser ministrado pelo plano de cursos regulares para estudo particular de ministros, e a organização de bibliotecas circulantes.

5. Um dos peores inimigos do ministro é o isolamento espiritual. Recomendamos a todos os bispos, superintendentes e outros obreiros, que tenham o cuidado de grandes regiões, que considerem de sua responsabilidade capital visitar tanto quanto possivel cada ministro sob seus cuidados, afim de prover-lhe comunhão espiritual e dar-lhe oportunidades de consulta sobre os problemas do seu trabalho.

6. A vida devocional do ministro precisa ser alimentada não somente em sua vida e experiência particular, como em retiros, onde se fortalecerá pela comunhão com outros minstros.

Temos a impressão de que não se tem feito muito nesse terreno importante e que os programas da maioria das Igrejas, nesse sentido, poderão ser muito melhorados.

CONCLUSÃO:

É nossa convicção que a situação presente da educação teológica é uma das maiores fraquezas nos empreendimentos das Igrejas, e que nenhum grande melhoramento se pode esperar, a não ser que as Igrejas e Juntas de Missões dêm mais importância a esse trabalho, especialmente à necessidade de cooperação e esforço

unido, e alem disso contribuam mais liberalmente com fundos e pessoal, afim de que esses empreendimentos sejam realizados com eficiência.

Para preparar este relatório aproveitamos todo o material que nos foi submetido, porem, estamos côncios de que foi preparado sob uma base de informação muito inadequada. Cremos que já chegou o tempo para se fazer nesse sentido uma investigação muito mais minuciosa do que já se tem feito. Experiências corajosas estão sendo feitas, e se experimentam novos métodos em paises diferentes. Mas esses empreendimentos são, em geral, isolados, e quase não há intercâmbio de experiência e idéias entre regiões diferentes.

Nós, portanto, sugerimos à Comissão do Conselho Internacional de Missões, que haja sobre este assunto uma consulta às Igrejas, e que uma comissão seja nomeada, tão breve quanto possivel, para organizar o preparo de estudos minuciosos da situação, em lugares onde ainda não foram feitos; visitar os principais centros de educação teológica, e estabelecer um método e programa para o preparo do ministério das Igrejas mais novas.

IX — A

A EDUCAÇÃO CRISTÃ

O ESTÁGIO PRIMÁRIO

Se a educação é uma função da comunidade, então a educação cristã deve ser relacionada com a igreja local, em regiões em que a comunidade cristã seja forte e bem organizada. Isto significa cooperar com um sistema de educação que produza resultados em cada etapa da vida da comunidade florescente. Será um sistema em que, com o auxílio das igrejas mais antigas, a igreja local concorra com a sua própria vida para o bem dos seus membros e dos seus vizinhos. As escolas a serem estabelecidas deverão ser conservadas em íntima ligação com a vida do lar, da comunidade e da nação. Não será desejavel, mesmo sendo praticavel, que sirvam somente aos filhos da igreja. Isso significaria empobrecimento de seus próprios membros e negação do seu dever de servir aos outros. A realização de seu propósito exige um método definido e executado à luz de todos os fatos disponiveis, quanto às necessidades da comunidade.

É impossivel neste relatório sugerir planos e programas minuciosos, pois devem ser feitos para satisfazer às condições particulares dos diferentes paises e regiões, mas há certos princípios que são de aplicação universal. A escola deve ser verdadeiramente cristã. Isso não quer dizer que matricule somente crianças cristãs. Não indica tambem que não tenha professor não-cristão. Implica, todavia, que o espírito em toda a instituição deve ser cristão, de modo que a escola demonstre o que a vida de uma comunidade cristã deve ser. Deve estar, ainda, intimamente relacionada com a vida social e econômica da comunidade, proporcionando, assim, aos alunos um contacto íntimo com o seu ambiente; tornar-se-ia, assim, uma grande bênção para a vida da comunidade.

Mas o mais importante de tudo será a provisão e o preparo de professores, porque o êxito de qualquer sistema educativo depende em grande parte do professor. Não é apenas de professores com qualidades técnicas de que há necessidade, mas de homens e mulheres que tenham convicção da grandeza da vocação de um professor evangélico, que procura, pelo contato pessoal com seus alunos, guia-los à compreensão da vida cristã. A vida e testemunho dos professores e alunos cristãos, são uma Bíblia que todos os não-cristão lêm.

ESTÁGIO SUPERIOR

Dissemos que o estágio primário deve estar relacionado com a igreja local, e existe muitas vezes essa

relação; mas este princípio deve ser levado tambem a algumas regiões onde os planos e métodos educativos ainda são considerados como trabalho específico da missão.

Nos estágios superiores, a relação da instituição com a igreja local apresenta um problema diferente.

Muitos entre os notaveis ginásios, Escolas Superiores e Universidades no Oriente e na Índia, foram fundados bem antes do estabelecimento da igreja local, ou em regiões em que até hoje não existe qualquer organização cristã. Não se pode falar dessas instituições como agências da comunidade cristã local. São reconhecidas, mais verdadeiramente, como o esforço das Igrejas Cristãs do Ocidente, com a crescente participação dos membros de igrejas mais novas que levaram ao povo de outras terras a sua própria herança em Cristo Jesús.

Ainda que a sua vida e o seu ponto de vista não se limitem a necessidades e problemas particulares da igreja local, tais instituições educativas têm realizado e continuam a realizar serviços de grande valor. Têm levado a gerações sucessivas de estudantes os conceitos fundamentais de Deus, do mundo e da vida humana, que a Igreja Universal mantem como um deposito sagrado, conceitos que o mundo se inclina a abandonar; crença na grandeza incomparavel e majestade da verdade; altos padrões de carater e conduta; uma paixão pela liberdade intelectual e moral; fortaleza em face da oposição, respeito ao ponto de vista das minorias; sentimento de comunhão com toda a humanidade.

Essas instituições não somente fizeram essa contri-

buição à vida dos povos a quem têm servido, mas tambem, em paises em que as condições têm sido favoraveis, são os meios pelos quais homens e mulheres chegaram a um conhecimento de Cristo e publicamente confessaram a sua fé no Salvador. Muitos entre os principais guias cristãos na vida pública chinesa, da atualidade, se converteram nessas instituições cristãs. Até mesmo em certas terras maometanas em que o ensino cristão é proibido e a liberdade de conciência tolhida, tais instituições, ainda que não possam expressar o objetivo completo da educação cristã, tornaram as mentes dos estudantes abertas à verdade e apresentam um exemplo conspícuo de serviço altruista feito em nome de Cristo.

CONCLUSÃO

Finalmente, afirmamos o que dissemos no começo sobre a natureza da tarefa. A educação cristã para realizar o grande trabalho de que é capaz, no sentido da construção e desenvolvimento da Igreja, deve ser fiel aos seus próprios ideais. Deve ser absolutamente cristã e solidamente educativa.

Entretanto, depois de se dizer tudo, elaborando-se todos os nossos planos, sabemos que não está em nós, nem nos métodos escolhidos, o alcançar pleno êxito. Ainda que seu trabalho seja minucioso e eficiente, o professor cristão sabe que só por si mesmo jamais alcançará o seu alvo. Desejamos colocar nossas instituições, bem como nossas vidas, nas mãos daquele em cuja sabedoria, amor e poder, depositamos toda a nossa confiança.

IX — B

O MINISTÉRIO CRISTÃO DA SAUDE E DA CURA

A BASE DO MINISTÉRIO MÉDICO E SEU LUGAR NA VIDA DA IGREJA

A sanção e o motivo encorajador desse ministério se encontra na própria natureza de Deus, que se revelou em Jesús Cristo como o amor que redime. O propósito redentor de Deus abrange todas as necessidades espirituais, mentais e físicas do homem, e apresenta uma esperança segura para um mundo plenamente cheio de pecado e sofrimento. Mediante a Igreja, que é o seu corpo, o Cristo Vivo exerce o seu ministério em favor das necessidades dos homens. Seu mandamento aos doze e aos setenta foi — prégar e curar. Sua ordem jamais foi retirada — "Como o Pai me enviou, assim eu vos envio".

Em seu ministério nosso Senhor reconheceu, contudo, um imperativo divino, de apresentar o bom nome de Deus. "Devo fazer as obras daquele que me enviou".

A Igreja existe para continuar o trabalho que Cristo começou. Como ele se identificou com as necessidades e sofrimentos do mundo, assim devem fazer os seus discípulos, para que o grande amor de Deus seja transmitido por meio deles à vida do próximo. Conciente do valor que Deus deu à personalidade humana, e animada pelo espírito de compaixão que inspirou o Grande Médico, a Igreja deve seguí-lo, adotando métodos de serviço que expressem a gloriosa missão de Cristo. É seu privilégio, bem como dever, realizar em nome de Cristo, o propósito redentor de Deus, cujo alvo é a restauração da imagem divina no homem.

O ministério da saude e da cura pertence à essência do Evangelho e é, portanto, parte integrante da missão a que Cristo tem chamado e continua chamando a sua Igreja. Em algumas terras e regiões, esse problema é mais agudo que em outras, e nesse caso há uma obrigação especial das Igrejas e Missões quanto ao ministério da cura.

A Responsabilidade da Igreja

O ministério da saude e da cura deve, de começo, ser integrado na vida das Igrejas nacionais. É essencial que se estimule as Igrejas, para que sintam a responsabilidade num empreendimento que tem sido considerado o objetivo das Missões, e ao mesmo tempo darlhes maior participação nesse admiravel serviço. Isto se conseguirá pela educação da comunidade cristã; le-

vando perante os membros da Igreja, especialmente perante a mocidade, os objetivos do serviço médico cristão; estimulando a observância do domingo do Hospital; dando ao serviço médico um lugar mais destacado na reconstrução rural; visitando os doentes e orando com eles e por eles; levando enfermos para o hospital; animando os crentes a empreenderem serviços que exijam sacrifícios, tais como doadores de sangue.

A Igreja deve ter parte eficiente no trabalho médico cristão. No desenvolvimento do senso de responsabilidade da Igreja, recai sobre o pastor uma obrigação especial. Esse serviço deve preocupar o pastor, bem como os métodos práticos, aprendidos durante seu período de preparo. É razoavel que aqueles que se dedicam ao trabalho médico cristão devem ser comissionados a um serviço especial. É de capital importância que a mais ampla responsabilidade seja concedida aos membros das Igrejas nacionais, que se oferecem para esse ministério. Reconhecemos, ao mesmo tempo, que o ministério da saude e da cura é essencialmente um serviço da comunidade, e tem projeção muito ampla, ultrapassando mesmo ao que possa ser provido pela Igreja organizada. A parte da Igreja será, principalmente no que respeita ao aspecto de inspiração, exemplo e cooperação. Assim sendo, o trabalho realizado desse modo constituirá mais um desafio, e nunca se manifestará com o espírito de concorrência. Ainda que se encontrem constantemente novas fontes de renda local, se dermos demasiada ênfase ao sustento próprio, isso poderá facilmente apagar os objetivos espirituais e humanitários do trabalho médico.

Cooperativas médicas e seguros de saude têm dado bons resultados, e devem ser estimulados.

Em vista de suas limitações, de carater financeiro e em outros sentidos, as Igrejas nacionais precisam atualmente de todo o auxílio que as Igrejas mais antigas possam prover, em fundos e pessoal, para esse ministério.

A CONTRIBUIÇÃO ESPECÍFICA DO MINISTÉRIO DE SAUDE E CURA

O trabalho médico de alto padrão, feito no espírito de Cristo tem uma acepção especial, pois que é uma expressão de seu poder redentor. Expressa-se especialmente no cuidado exigido em condições nas quais se requer paciência fora do comum, perseverança e esperança, tais como no caso da lepra, da tuberculose e das moléstias mentais. Essas condições surgem especialmente no trabalho de enfermeiras, pois, em toda a missão da medicina, nenhum outro trabalho há que se aproxime tanto das necessidades do paciente como esse. A vida das enfermeiras deve ser, portanto, um testemunho cristão diário, aplicada em servir aos outros.

Para todas essas formas de serviço, o preparo eficiente dos obreiros é fundamental. Todos os que tomam parte no ministério da saude e cura devem ter as melhores qualificações profissionais para o trabalho a que são chamados, e sua vida e carater devem expressar o espírito de Cristo. Alem disso, seu preparo para o trabalho religioso deve ser adequado. O ideal de companheirismo deve ser conservado constantemente no que

se refere à seleção e ao preparo. As Igrejas e Missões reconhecem seu dever de preparar ministros e professores. Estão na mesma obrigação de prover igualmente o preparo adequado aos médicos e das enfermeiras. Não é suficiente que tenham boas qualificações médicas. Devem estar embuidos daquela fortaleza de espírito que se origina de uma fé viva num Cristo Vivo. Esse poder espiritual, que nenhuma instituição secular provê, necessita ser renovado constantemente. Para esse fim, a educação médica cristã e a enfermagem fizeram uma contribuição de valor permanente em muitas terras. O padrão, o número e o local das instituições médicas, cristãs, em cada região, devem ser determinados após consulta entre as forças cristãs que operam na referida região. Alem disso, pode ser necessário, em certas regiões, o emprego de professores e de outras pessoas que tenham recebido um bom preparo quanto aos primeiros socorros.

UM APELO A PROSSEGUIR

Há um apelo muito evidente para se dar mais atenção à medicina preventiva. Isso implicará no aproveitamento ativo de todas as formas de propaganda em favor da saude e do bem-estar social, acompanhado do ensino de higiene nas escolas. Tal serviço não precisa ser dispendioso. A ênfase a ser dada não deve ser quanto à mera provisão de remédios, mas quanto à descoberta da origem de cada moléstia, visando à sua iliminação. Cada hospital cristão deve ser um centro de saude, que eduque a comunidade por ele servido. Sua finalidade

não se pode considerar cumprida a não ser que sua influência penetre em toda a comunidade e se manifeste em ruas limpas, suprimento de água pura, melhor serviço sanitário e hábitos gerais de higiene.

Nas zonas rurais, onde as necessidades são quase desesperadoras, responsabilidades especiais repousam sobre as forças cristãs. O serviço de saude é um elemento indispensavel em qualquer programa de reconstrução rural. Há na atualidade, em muitas nações, um despertamento da conciência sanitária. Onde quer que haja uma igreja, seus membros devem esforçar-se para que o empreendimento sanitário se torne inteiramente cristão.

O ministério médico cristão deve identificar-se completamente com a vida e o pensamento de cada país. Isto significa uma intensificação no emprego da língua do país, e a adopção dos tipos de arquitetura de acordo com as tradições e os sentimentos nacionais, provendo padrões adequados e modernos de hospitais. O plano completo do serviço médico cristão deve ser adaptado à vida das famílias, dentro e fora da Igreja e bem assim de toda a comunidade.

O evangelismo é implícito em todo o trabalho médico cristão, mas requer resolução definida do corpo médico através da palavra falada. A mensagem evangelística, contudo, nunca deve forçar o povo a aceitá-la, desde que não deseje ouví-la. O testemunho cristão do hospital fracassará, se o corpo médico não estiver unido tanto no serviço médico, quanto no ministério espiritual. A Igreja deve compartilhar a responsabilidade do pre-

paro de trabalhadores especiais, para auxiliar o corpo médico em seu serviço religioso.

Na relação entre a religião e a saude há uma chamada imperativa para um serviço pioneiro. O objetivo do ministério do hospital será ampliado pela utilização de membros especialmente preparados, do corpo hospitalar, para investigar a condição econômica, social, mental e religiosa de cada paciente, de modo que a ministração física e espiritual seja provida de acordo com as necessidades especiais do indivíduo, quer dentro, quer fora do hospital. O hospital assim se tornaria um centro onde a pesquisa poderia ser feita, de modo que o ministério espiritual concorresse para o recuperamento da saude dos pacientes. Quase nada temos feito nesse sentido. Necessitamos de uma compreensão mais ampla das relações entre o corpo, a mente e o espírito. Precisamos de estudos continuados e do desenvolvimento da contribuição que a fé, a oração e a prática religiosa possam trazer à manutenção da saude física e mental e à cura de moléstias. Pedimos às igrejas e aos hospitais que empreendam juntos, em centros escolhidos, pesquisas perseverantes nesse campo tão importante.

Se desejamos que tais objetivos sejam realizados com eficiência, é necessário que haja ação cooperativa. Cada hospital cristão deve fazer parte de um plano de saude correlacionado, desenvolvido por meio de consultas com as forças cristãs da sua região. Todo esforço deve ser empregado no sentido de desenvolver uma cooperação amistosa com os médicos locais, e com o governo e as comunidades que promovem programas de saude.

As sociedades missionárias não podem mais pensar e fazer seus planos dentro dos limites denominacionais. Tão somente uma cooperação mais ampla deve ser incentivada no recrutamento de candidatos e na direção deles, durante o período de preparo e nas viagens de férias. Deve-se ainda atender mais cuidadosamente à coordenação efetiva do trabalho cristão médico com outras formas do trabalho religioso. Por meio de tal coordenação a influência cristã iniciada no hospital, poderá continuar após a volta do paciente para sua casa.

Há ainda regiões onde o trabalho médico representa o único testemunho cristão. Há outras regiões onde não existe qualquer provisão médica. Em lugares onde se verificam conversões aos milhares, uma obrigação irrecusavel recai sobre as forças cristãs, para prover um serviço médico que venha solucionar as necessidades de saude dessas novas comunidades cristãs e estimular nelas o ideal do serviço altruista, que é indispensavel no desenvolvimento da vida e do carater dos cristãos. As Igrejas mais antigas e as mais novas, devem continuar e estender esse ministério compassivo de saude e cura.

X

O LUGAR E O PREPARO DE NOVOS MISSIONÁRIOS

RECOMENDAÇÕES:

a) Que a Comissão do Conselho Internacional de Missões providencie no sentido de alistar e ter em disponibilidade para o serviço no mundo, mas especialmente para períodos breves de tempo, entre as Igrejas mais novas, intérpretes habeis da realidade, do espírito e da comunhão cristã mundial.

b) Que os Conselhos Cristãos Nacionais ou regionais dos paises receptores coordenem, para suas respectivas regiões, os pedidos de novos missionários e os transmitam às Igrejas mais antigas, e que estas, mediante organizações como as Conferências Missionárias da América do Norte, Inglaterra e Irlanda, coordenem seus esforços afim de obterem candidatos que estejam à altura.

c) Se as Igrejas beneficiadas pelos missionários,

receberem com satisfação os missionários de raças diferentes das que até então têm recebido, que a esse respeito notifiquem às Igrejas mais antigas, e que estas consigam e nomeiem tais missionários, assim, enriquecendo a comunhão cristã mundial.

d) Que as Juntas de Missões requeiram de cada candidato, alem do preparo profissional adequado, preparo específico para a sua missão de missionário, e que isto se aplique aos que se empenham em trabalho médico, rural, agrícola e social, aos professores e candidatos ao ministério.

e) Que os Concílios Cristãos Nacionais e regionais dos paises receptores aproveitem os meios disponiveis para prover no próprio campo um preparo missionário suplementar. Onde houver escolas para o ensino de línguas, que o seu currículo seja acrescentado de cursos e contatos destinados a enriquecer a experiência do missionário, quanto à vida do povo; onde não houver escolas com cursos de línguas, que se alcance o mesmo objetivo por meio de cursos de leitura ou outros métodos; que se consigam oportunidades para colocar os novos missionários em íntima ligação com os cristãos nacionais e com o povo estranho ao Evangelho, especialmente com os seus líderes.

f) Que as instituições de preparo teológico e missionário procurem aumentar a permuta de professores, em colaboração com as Igrejas mais novas, e que convidem tambem um número crescente de preletores visitantes, para serviços especiais.

g) Que chamemos a atenção de todas as instituições de preparo teológico e missionário para a importância, com referência aos missionários, do estudo da história da Igreja, quanto à orientação e admoestação do passado, quanto ao desenvolvimento de uma conciência eclesiástica nas Igrejas mais novas e quanto à aproximação da união orgânica da Igreja.

h) Que todas as Juntas de Missões exijam de todos os seus missionários, pelo menos no primeiro período de férias, bastante tempo para estudos especiais, de maior necessidade, à luz das experiências obtidas no campo. As Juntas de Missões devem auxiliar, tambem, os missionários, suprindo-os com livros, para mantê-los ao par do progresso do pensamento moderno enquanto estão no campo.

XI

UM PROGRAMA ADEQUADO DE LITERATURA CRISTÃ

RECOMENDAÇÕES:

Os relatórios de vários paises e as suas conclusões indicam que há necessidade de uma reconsideração drástica dos métodos e meios de produção e distribuição da literatura cristã, e isso em muitos casos é uma necessidade premente. Estamos convictos de que a apresentação das necessidades da literatura ao público cristão, está muito aquem do que se tem feito para o trabalho educativo e médico. A literatura cristã pode tornar-se interessante e atraente, se lhe dermos ampla e eficiênte publicidade.

1) Recomendamos que os Conselhos Cristãos ou Juntas de Missões se esforcem no sentido de realizar uma união cooperativa ou federação de agências e imprensas produtoras de literatura cristã, nos limites da região que servem.

Em cada uma das regiões poderá haver um escritório central, sob a direção do respectivo departamento ou comissão do Conselho Cristão Nacional ou Conferência de Sociedades Missionárias, com pessoal habilitado para tratar de assuntos de publicações, venda de livros e problemas de imprensa. O escritório daria conselhos e orientação às agências de literatura local e auxílio financeiro, quando fosse possivel e sob acordo prévio; promoveria, onde necessário, tais medidas como a unificação de dialetos ou simplificação de transcrição, o que facilitaria a leitura e tornaria mais barata a produção de livros; daria passos no sentido de coordenar, e onde necessário, unificar o trabalho de literatura em regiões da língua local, em consulta com as agências existentes; representaria tambem as necessidades de todo o campo aos secretários internacionais e se conservaria em contato com os escritórios de alem-mar pelo intercâmbio regular de idéias e planos.

2) O Conselho Internacional de Missões deve instruir seus funcionários a promover, tão cedo quanto possivel, uma reunião de representantes das sociedades de literatura e missões e Juntas de Publicação do Ocidente, e colocar perante eles as necessidades e a importância de um programa mais adequado de literatura e a necessidade de um ajustamento do trabalho de literatura de alem-mar, afim de prosseguir num programa ainda mais amplo.

3) O passo seguinte consistiria em fazer pesquisas sobre a literatura existente e as agências organizadas

de produção e distribuição, em cada uma das grandes regiões do vernáculo. Isso seria empreendido pelos Conselhos Cristãos Nacionais nos lugares onde eles existem. Na base de tais pesquisas, o Conselho Missionário Internacional e as Juntas e Sociedades interessadas consultariam com cada região quanto às iniciativas a serem tomadas.

4) Pedimos à Comissão do Conselho Internacional de Missões que considere a formação de um departamento permanente do Conselho para literatura de alem-mar, com uma comissão representando as Sociedades e Juntas interessadas. Esse departamento aconselharia e conseguiria o sustento financeiro e moral para o trabalho de literatura nos vários campos e lançaria apelos para os fundos exigidos. Planejando isso, recomendamos que sejam bem aproveitadas as sociedades especializadas. O secretário ou diretor deste departamento conservar-se-ia em contato constante por meio de correspondência e viagens com qualquer região que porventura precisasse de seu auxílio.

5) Reconhecemos que o auxílio mútuo pode obter-se, muitas vezes, na troca, por exemplo, de ilustrações, desenhos para capa, manuscritos básicos e planos de circulação, e visando nesse sentido o serviço de tais organizações, como a Comissão Internacional de literatura cristã para a África, a Comissão Central de literatura para os Maometanos, e as agências de literatura cristã do Japão, China, Índia, Iran e outros paises, recomendamos que os Conselhos Cristãos Nacionais, com o auxílio do Conselho Internacional de Missões, realizem tais

permutas e se tornem verdadeiros centros de informações.

6) A realidade que o Conselho Internacional de Missões enfrenta, nesse assunto, é que a maioria das agências de literatura é propriedade, ou financeiramente dependente, de sociedades de literatura, missões ou igrejas dos paises a que pertencem as igrejas mais antigas. A não ser que essas organizações mostrem desejos de considerar uma ação em conjunto no trabalho de alemmar, os planos para uma cooperação mais íntima e, onde necessária, a unificação do trabalho no campo, são tarefas que não podem ser inteiramente realizadas.

7) Com a profunda convicção de que o combate ao analfabetismo é uma das maiores necessidades do mundo e uma oportunidade para o serviço, que a Igreja Cristã não pode desprezar, o Conselho Internacional de Missões deve instruir sua Comissão para que atenda a esse assunto, e que se preste auxílio, onde possivel, aos Conselhos Cristãos Nacionais e às comissões regionais missionárias, em seus esforços para organizar e conduzir campanhas de alfabetização.

8) Pedimos aos editores da Revista Internacional de Missões que aumentem o escopo das "notas trimensais" e recomendamos que cada Conselho Cristão Nacional envie essas notas como material de notícia aos editores de jornais cristãos e aos escritórios de agências locais de literatura.

9) Reconhecendo com gratidão o trabalho da Fe-

deração Mundial de Estudantes Cristãos no preparo de hinários internacionais para uso de estudantes, o Conselho Internacional de Missões sugere à sua Comissão que, quer em conexão com essa ou outra empresa publicadora, deve-se iniciar a seleção e publicação de uma coleção de carater mais internacional de hinos de todas as terras com as quais mantem comunicação.

10) E finalmente, se esta reunião do Conselho espera ter efeito permanente sobre o pensamento e atividade das igrejas espalhadas pelo mundo, suas mensagens e recomendações devem entrar na literatura do movimento cristão. Reconhecemos que a palavra falada em conversação pessoal e em assembléia pública será o primeiro meio pelo qual esta reunião há de influir sobre o pensamento cristão universal. Porem, mais que isso é necessário. A influência desta reunião deve falar bem alto durante a próxima década, pelos escritores, editores de livros, panfletos e jornais do movimento cristão, num círculo cada vez mais amplo de estudantes e leitores, nas várias línguas do mundo. Deus conceda que isso se realize.

XII

BASE ECONÔMICA DA IGREJA

RECOMENDAÇÕES:

1) Que a vida econômica da Igreja seja posta em posição adequada, como um problema essencialmente espiritual, e que os princípios escriturísticos de contribuição sejam ensinados sistematicamente.

2) Que o problema do sustento próprio seja tambem encarado como um problema espiritual, e, em parte, como um resultado do testemunho voluntário e do crescimento espiritual, e, em parte, como um resultado do testemunho voluntário e do crescimento da igreja.

3) Que se dê a devida importância à idéia da solidariedade econômica da Igreja Universal, e que qualquer auxílio de uma igreja para outra seja considerado como um ato de comunhão espiritual e não como caridade.

4) Que uma corajosa mudança de métodos seja feita no auxílio financeiro às Igrejas mais novas, de

modo que a igreja continue seu programa essencial mesmo que o auxílio de fora cesse inteiramente.

5) Que na abertura de novos campos, o princípio da colocação de novos grupos de cristãos a sustentar o trabalho com os seus próprios recursos seja aplicado desde o início.

6) Que se dê ênfase à responsabilidade da igreja em cada lugar, quanto ao seu próprio financiamento e à contribuição ao serviço da comunidade.

7) Que cada pastor e evangelista tenha algum preparo em serviço social e habilidade prática, afim de guiar e dirigir sua igreja inteligentemente e com eficiência, nessa esfera de atividade.

8) Em vista da maioria do povo, em muitas terras, viver em zonas rurais, que se consiga preparo especial para pastores rurais e evangelistas, nos Seminários, de modo que os obreiros estejam habilitados a enfrentar os problemas da igreja rural.

9) Que se organize um programa adequado de trabalho na igreja, de modo que se possa desafiar a juventude instruida a se dedicar ao serviço ativo e de renúncia.

10) Que a igreja pense definitivamente e caminhe para uma quarta esfera de sua atividade, a saber — o ambiente econômico e social, e que aprenda a trabalhar nesse sentido tão enérgica e eficientemente como faz com o evangelismo, com a educação e com o trabalho médico. Os Conselhos Cristãos Nacionais, as

Sociedades missionárias e Juntas de Igrejas, devem, por todos os meios, estender o seu trabalho a este novo campo de ação.

11) Que os estudos da base econômica da Igreja e as sugestões para fortalecer essa base apresentadas nesta reunião, estejam à disposição das igrejas, em todo o mundo.

12) Que as Igrejas mais antigas e as mais novas tomem providências imediatas para eliminar a perda de recursos causada pelas atividades não coordenadas de um bom número de denominações em muitos distritos e cidades.

13) Que a Igreja coopere com os governos e outras agências, sempre que possivel e aconselhavel, na elevação econômica e social.

14) Que a Igreja concienciosamente examine seus métodos, no uso dos fundos que administra, a remuneração daqueles que emprega, e as condições em que vivem.

15) Para aumentar a segurança econômica dos obreiros pagos, deve-se providenciar uma pensão do fundo de alguma organização previdente, sob a base de contribuições do empregado e empregador, e assim a Igreja poderá assumir a responsabilidade econômica do futuro dos que dedicam sua vida ao seu serviço.

16) Que se faça um estudo das Irmandades Cristãs de serviço do Japão, e que se considere a possibilidade de fundar tais organizações noutras terras.

XIII

A IGREJA E A TRANSFORMAÇÃO DA ORDEM SOCIAL E ECONÔMICA

A SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO CRISTIANISMO

No meio da confusão e da queda fragorosa da velha ordem social, como olha o cristão para a nova ordem social? O cristão deve olhar, sem dúvida, para a ordem de Deus, o Reino de Deus. O Reino de Deus foi a resposta de Jesús aos males do mundo. Esse Reino confrontou toda a vida do pecador com a oferta e exigência de redenção da parte de Deus. Isso foi oferecido à vontade individual e coletiva; a nação bem como o indivíduo tinham que encarnar esta nova ordem. A vida inteira devia estar sob o novo poder redentor.

Por onde Cristo andava, os poderes do Reino de Deus eram apresentados. Ele era e é o Senhor desse Reino. Em sua Igreja ele fundou uma sociedade que deve interpretar a cada geração a natureza divinal do Reino. A Igreja pode realizar isso desde que viva pelo

poder do Espírito Santo e demonstre em sua própria vida os princípios do Reino celestial.

O Reino de Deus está dentro da história, e entretanto, está tambem alem da história. Não podemos identificar o Reino de Deus com um sistema particular, com qualquer sistema revolucionário que desejemos estabelecer. Se qualquer das panacéias apresentadas ao homem se realizassem, mesmo em sua forma pura, isso não seria o Reino de Deus. O Reino a julgaria, porque o Reino é a ordem absoluta; tudo o mais é relativo.

De outra maneira, não devemos cair no erro de colocar o Reino de Deus alem da história. O Reino é um Reino Eterno, mas é o propósito de Deus que esse Reino venha no espaço e tempo a este mundo. "Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céu".

A-pesar-do fato de que o Reino "não é deste mundo", e não receba sua autoridade deste mundo, entretanto, age como fermento e como dinamite em cada estrutura social.

O Reino de Deus é presente e futuro; o seu crescimento e consumação realizam-se por Deus. É nossa tarefa e esperança; a tarefa que confrontamos com o poder de Cristo, a esperança de que a última palavra está com Deus e que essa palavra será a vitória. O Reino implica aceitação e ação, um dom e uma tarefa. Trabalhamos e esperamos por ele.

Devemos centralizar nossos esforços na conversão individual ou na mudança social, para realizar esse

Reino? Devemos agir com esse duplo objetivo. O poder da ordem social sobre o indivíduo é muito grande. Na Índia, por exemplo, a ordem social molda à sua própria imagem 350.000.000 de indivíduos cada 30 anos, isto é, em cada geração. No interesse da conversão individual devemos exigir a mudança social, pois que vemos claramente que o mal pode ser tanto da vontade individual como da coletiva. Existe a alma corrompida como tambem um sistema social corrompido. Salvaremos os feridos na guerra e não lutaremos porventura contra o sistema da guerra? Auxiliaremos caridosamente os náufragos de uma ordem social, da concorrência brutal, e não cooperaremos com os métodos do Governo e das organizações públicas quando procuram substituir a mística pela justiça, a exploração pela caridade?

Visto que o homem não vive isolado mas numa comunidade, ele só pode ter a vida abundante, à medida que a Igreja impressione cada problema da comunidade com a compaixão de Cristo, interpretando as palavras de amor em atos de amor. Aumentando a fertilidade da terra, elevando o nivel de alfabetizados e da inteligência, provendo recreação sadia, transformando favelas em lares, libertando o povo da exploração financeira ou procurando evitar o pecado, dirigindo as energias e os instintos sociais da mocidade pelos canais sadios e do serviço — tudo isso representa o abençoado toque da mão de Cristo, conhecimento especial e de grande habilidade para a tarefa.

Não basta afirmar que se mudarmos o indivíduo inevitavelmente mudaremos a ordem social. É apenas

meia verdade, porque a ordem social não é produto exclusivo do presente. É formada de atitudes herdadas que passam de geração a geração, mediante costumes, leis, instituições, e tudo isso existe, em grande parte, independentemente dos indivíduos. Que sejam mudados os indivíduos e a ordem social não se mudará, a não ser que se organizem os indivíduos transformados numa verdadeira ação coletiva de grande escala, que ataque de rijo os males da sociedade. A mudança social resultará da mudança individual, somente quando a base da mudança social for estabelecida realmente dentro do conceito e do fato da mundança individual.

Assim como é meia verdade afirmar que os indivíduos mudados transformarão, *ipso facto,* a ordem social, é tambem meia verdade dizer-se que a mudança social produzirá a transformação individual. Não podemos manter uma nova ordem social ou realizá-la sem homens renovados. Em última análise, toda a estrutura externa da sociedade se apoia no carater humano. Somente aquele que se assenta sobre o trono pode dizer: "Eis que faço novas todas as cousas". É ele que coloca a sua mão sobre o coração humano. Destarte, no meio da necessidade de mudança social e econômica não esqueceremos que o centro do problema está dentro de nós.

O Evangelho cristão, portanto, confronta o pecado na vontade individual e coletiva. Sem procurarmos definir teológicamente o pecado, podemos entender que abrange quatro aspectos:

1. *Culpa perante Deus* — O homem sabe que se rebelou contra a vontade santa de Deus. Isto implica, num sentido, a humildade religiosa, a incapacidade do homem purificar-se a si mesmo, o que representa um elemento essencial da fé cristã.

2. *Cumplicidade com o pecado social* — Vivemos numa ordem social injusta e pagã. Entretanto, nossas vidas estão entrelaçadas com ela de tal forma que, muitas vezes, chegamos a reconhecer nosso egoismo coletivo como pecado perante Deus.

3. *Insensibilidade moral* — Tornamo-nos insensiveis à exploração, ao preconceito de raça e classe; não nos abalamos com o sofrimento do homem, nem sentimos responsabilidade em face da culpa dos outros.

4. *Transgressão franca contra a sociedade* — Pecados referentes à mentira, ao roubo, à bebedeira e ao adultério, são reconhecidos e geralmente repudiados, porem o mero fato de evitá-los, nos poderá levar a uma perigosa condescendência com os pecados sociais mais profundos, tais como o parasitismo, a exploração e o egoismo desbragado.

O incentivo cristão para combater o pecado social requer dois elementos inseparaveis: (1) sensibilidade ética e (2) conhecimento do fato social. A sensibilidade sem o conhecimento conduz ao sentimentalismo; o conhecimento sem a sensibilidade conduz ao humanismo superficial que não tem incentivo moral. É dever da Igreja levar os cristãos a uma compreensão mais clara

das realidades não cristãs da ordem social, e impelir os homens a uma conciência mais sensivel pela apresentação do Evangelho de Cristo.

Esta nova ordem cristalizada em Cristo confronta a vontade individual e coletiva com uma ordem absoluta: Arrependei-vos. Esta ordem crítica significaria que a vontade individual e coletiva devem decentralizar-se do "eu" para Deus. Isto resultaria em nada menos que um novo nascimento do indivíduo e da sociedade. O novo nascimento é essa mudança, repentina ou gradual, pela qual passamos do reino do "eu" para o Reino de Deus, mediante a graça e poder de Cristo.

Essa vida operaría numa nova ordem:

1. Olharíamos para cada homem como homem, sem preconceito ou discriminação por causa de raça, nascimento, côr, classe ou cultura. O valor sagrado da personalidade humana torna-se um fato operante. O homem já não é apenas um homem — mas "um por quem Cristo morreu". Neste novo reino, não pode haver Grego nem Judeu — discriminação racial; não pode haver Barbaro ou Cita — discriminação cultural; não pode haver escravos ou livres — discriminação social; não pode haver macho ou femea — discriminação de sexo.

2. Faríamos, portanto, a unidade de cooperação da raça humana. Não podemos parar na unidade de classe, ou Estado, ou raça, ou eclesiasticamente, e dizer — somente até aquí deve estender-se a nossa cooperação. A humanidade é uma só. Há raças e classes que

não se desenvolveram, mas nenhuma é permanentemente superior ou inferior, porque cada homem tem em si possibilidades infinitas.

3. Exigimos, portanto, a mesma oportunidade para todos os homens, para o seu completo desenvolvimento.

Nem todos os homens têm as mesmas habilidades, mas devem ter oportunidades iguais. Um sistema econômico que desrespeita a personalidade do trabalhador, e, para o proveito de poucos, condena multidões a um trabalho que destrói sua alma, ou a uma ociosidade corruptora, tambem está condenado perante o juizo de Deus.

4. Visto que os valores econômicos podem comprar oportunidades, não haverá igualdade de oportunidade sem que haja uma redistribuição dos valores econômicos do mundo. Portanto, trabalhamos por uma justa distribuição destes valores entre as nações, e dentro de cada nação, de modo que cada homem tenha o suficiente para promover seu desenvolvimento completo como filho de Deus.

5. Dentre as causas da guerra, reconhecemos a desigualdade presente da oportunidade econômica entre as várias nações — o que dá, a alguns, uma posição privilegiada quanto ao acesso à matéria prima do mundo, quanto ao auxílio financeiro e quanto às regiões abertas, o que tem sido negado a outros.

6. Visto que a guerra é uma violação da personalidade humana, repugnante à conciência cristã, nós

a repudiamos como instrumento de solução das questões internacionais. Afirmamos nossa fé nas armas cristãs de vencer o mal com o bem, o ódio com o amor, e o mundo com a cruz.

7. Ao mundo aflito, perturbado e pecador — oferecemos a dádiva de Deus — o Reio de Deus. Esta é a nossa resposta às necessidades do mundo, porque é a resposta de Deus, e apresentamo-la com confiança, porque sabemos que a natureza humana só se transformará nos caminhos de Deus. Quando encontrarmos o Reino de Deus, acharemos a nós mesmos.

Alguns tipos e ilustrações da Ação Social Cristã

Em experiências, pequenas e grandes, intensivas e amplas, há abundante evidência da determinação dos cristãos, em cada terra, de espalhar sua fé, penetrando nas condições atuais do mundo que os cerca.

Tais experiências poderão ser agrupadas em:

a) Os que procuram melhorar de muitas maneiras as condições criadas pela ordem social e econômica vigente, sem desafiar diretamente sua base política.

b) Os que condenam implicitamente a ordem presente, mas procuram, no mundo atual, apresentar uma visão do mundo como deveria ser.

c) Os que afirmam que é tarefa dos cristãos promoverem uma economia completa da vida que seja compativel com a fé cristã.

1) Realizados pelos que pertencem à primeira divisão, há esforços tão diversos, como o empreendimento médico missionário por aeroplano, e os efetuados pelos Concílios Unidos (internacionais). Por meio de tais Concílios, todos oriundos de empreendimento cristão, um grande e notavel trabalho construtivo já se fez na África do Sul. O maior benefício resultou das pesquisas de condições, escrutínio de legislação, preparo de comissões, agitação constitucional, melhoramento da educação, etc. Há uma legião de outros exemplos de ação social isolada, tais como hospitais, preventórios para filhos de leprosos, associações em favor da pureza de costumes, fazendas com objetivos específicos de servir, criação e desenvolvimento de fábricas e indústrias que oferecem uma oportunidade econômica às comunidades cristãs, etc.

2) Tais esforços, variados como demonstramos acima, têm sido um aspecto do testemunho da Igreja durante muitos anos. Nestas duas últimas décadas, esforços ainda mais variados têm aparecido para suplementá-los. A nota essencial destas novas expressões é a condenação implícita da ordem social presente. Procuram refletir, dentro das limitações presentes, o que será a vida numa nova ordem.

A) Deste tipo, poderá citar-se como exemplo o Centro Rural de Reconstrução em Travancore, da A.C.M. de Martandam. Aí, na base de um programa compreensivo, o aldeão é suprido em cada necessidade — espiritual, física, mental, social e econômica. Mas

é auxiliado somente para se auxiliar a si mesmo. Suas atividades incluem proteção contra a cólera e a malária, melhor alimento para o gado, padrões acurados de pesos e medidas, o mercado cooperativista de ovos, desenvolvimento da indústria do mel, extensão da cultura de frutas, indústrias domésticas, trabalho social rural, higiene, e cursos frequentes, durante 10 semanas, referente aos métodos de organização e de cooperação para as zonas rurais.

B) Uma expressão um tanto diferente deste tipo de esforço surgiu espontaneamente em paises tão diversos como a China, a Inglaterra e a Índia. É a reunião de grupos grandes e pequenos para experimentarem a vida cooperativa. O Cotswold Bruderhof, na Inglaterra, é uma comunidade de famílias que têm tudo em comum e trabalham juntas na terra. Há tambem grupos que surgem nas cidades, que partilham seus recursos e dão seu tempo disponivel ao trabalho social, enquanto eles mesmos vivem na comunidade.

Há na China o Projeto de Reconstrução Cristã Rural de Lichwan, em que a "família cooperativista" se interessa em servir a comunidade que a cerca. Há os Ashrams na Índia, comunidade que ilustra em ação as vantagens de uma vida cooperativista em oposição à que nos é forçada pela ordem social capitalista.

Ainda que estes esforços para reunir recursos apresentem dificuldades no início, contudo, eles evidenciam que dentro de uma experiência cooperativista, ainda

que limitada e artificial, surge nova aproximação e novos e ricos valores são acrescidos à vida diária.

3) Finalmente, entre as referidas experiências que afirmam ser tarefa do cristão prover a uma economia completa da vida, compativel com a fé cristã, a mais forte expressão é o movimento cooperativista no Japão.

O movimento se baseia na convicção de que o homem em Cristo Jesús pode ser libertado — na "mente, no corpo e nas finanças" e que se impõe aos seguidores de Cristo o dever de trabalhar para criar um ambiente no qual o homem de fato seja livre. Seguem-se os princípios cooperativistas enunciados por Ruskin, Maurice, Mitchell e os homens de Rochdale, quase há 100 anos, e suplementados pelo plano de Raiffeisen, da Alemanha. Seu êxito na circunscrição depende das relações de produção, distribuição e consumo, requerendo pelo menos 7 cooperativas — isto é, — *de Produção, de Compra e Venda, de Crédito, Serviços Públicos, Seguros, Consumo e Auxílio Mútuo*. Recomenda-se especialmente a atividade da cooperativa de crédito, se a experiência demonstrar que se torna independente do sistema que procura suplantar.

A experiência japonesa impõe-se ao respeito dos cristãos em todo o mundo, porque restaura a ciência da economia ao seu respectivo lugar, como algo que interessa a todo homem, e esboça um sistema completo de vida na comunidade, que é prático e compativel com os princípios de Cristo.

Ainda que não seja da responsabilidade da Igreja

recomendar qualquer tipo de organização cooperativa, para adopção universal, contudo, torna-se cada vez mais claro que o princípio essencial da cooperação — e somente ele, solucionará os problemas coletivos de nossa vida nacional e internacional, se é que vamos promover uma ordem cristã da sociedade; e é a esse princípio essencial que nos dedicamos.

XIV

A IGREJA E A ORDEM INTERNACIONAL

A IGREJA CONFRONTA OS PROBLEMAS DA ORDEM INTERNACIONAL

Nós nos encontramos em circunstâncias que afligem os nossos corações com o sofrimento do mundo. As nações estão na iminência de uma guerra ou à sombra do terror. Compenetremo-nos da solenidade da hora. Penitenciemo-nos profundamente, à medida que refletimos sobre nossa responsabilidade pessoal e coletiva, em face desta situação. Estamos condenados pela nossa falta de fé e de coragem, nessa desunião e deficiência em que vivemos. Entretanto, sabemos perfeitamente dos recursos ilimitados de Deus, e que o dia do nosso desespero poderá ser o dia de sua oportunidade. Esta reunião fortaleceu a nossa coragem e aprofundou o senso da nossa responsabilidade. Esta reunião ecumênica, de pessoas de muitas nações, aproximadas pela comunhão e devoção a Cristo, é uma demonstração clara de que

Deus está tornando a sua Igreja cada vez mais representativa em todo o mundo.

No Evangelho os homens devem procurar a base moral e espiritual para a vida nacional e para as relações internacionais, se quisermos que a humanidade não sucumba nos conflitos que ameaçam a ruina da civilização. Nossa convicção se origina em nossa fé comum no Eterno e Todopoderoso, que se revelou em Jesús Cristo, perante cujo tribunal todos têm que comparecer. Deus é amor, e seus juizos são verdade e justiça. Somente a justiça exalta uma nação. Os profetas do Velho Testamento denunciaram as nações e governadores por causa da crueldade e deshumanidade, pelo roubo e pela mentira, e a mensagem desses profetas ainda é oportuna nos dias atuais.

O patriotismo não é suficiente. Os dois grandes mandamentos do amor requerem que o amor a Deus se torne a nossa suprema lealdade, o que deve ser exemplificado na consideração fraternal pelo bem-estar de todos os homens.

À medida que os cristãos procuram aplicar esses princípios aos problemas do mundo, eles notam que eles mesmos estão profundamente influenciados pelas várias situações de seus paises, bem como pelas diferentes tradições culturais e eclesiásticas, que se manifestam em interpretações divergentes do dever cristão e da vinda do Reino de Deus. O próprio fato dessa situação, contudo, é uma chamada para continuarmos a luta e chegarmos a um entendimento comum a respeito da vontade de Deus.

Cremos que os princípios cristãos exercem as seguintes influências sobre as relações internacionais: na prática entre as nações, o amor ao próximo significa fazer justiça. A justiça entre as nações envolve alguma qualificação a respeito da soberania do Estado em suas relações internacionais. Nenhuma nação poderá deliberadamente prosseguir em seus próprios interesses em prejuizo de seus vizinhos. A injustiça conduz os povos a soluções desesperadas, inclusive a guerra. Acesso mais equitativo aos recursos naturais e aos mercados, uma distribuição mais justa da riqueza entre as nações e a cooperação econômica em escala internacional, são essenciais.

Condenamos o fato de um povo impor a sua vontade sobre outro, pela força. e especialmente a invasão do território pertencente a um povo, pelas forças armadas de outro. A responsabilidade pela agressão deve recair sobre todos os que as executam e tiram delas o proveito cubiçado. O cristão e as organizações cristãs deveriam examinar cuidadosamente, neste sentido, suas fontes de renda e meios de vida. Negócios privados quanto a munições de guerra, com o seu acompanhamento pernicioso de propaganda militarista e auxílio à agressão, deveriam ser iliminados. A justiça requer a iliminação do domínio de um povo sobre o outro. Se isto pode ser efetuado apenas por etapas, e ainda que se saiba quais as etapas, não é, todavia, para generalização de âmbito internacional. Onde existe o governo de um povo por outro, seu objetivo deve ser que o povo

governado alcance sua liberdade e controle sua própria vida.

Deus fez todos os povos, de um mesmo sangue. Nenhuma raça, portanto, pode violar os direitos e interesses de outras raças. A perseguição racial é abominavel de modo particular. A Igreja deve exercer sua influência ao lado de todos os movimentos favoraveis à igualdade completa de todas as raças, na vida comum da humanidade. Fazendo isto, a Igreja deve purificar sua própria vida de qualquer preconceito racial. Apelamos a todas as igrejas e cristãos a fazerem tudo o que estiver em seu poder para auxiliarem na solução do agudo e trágico problema mundial da perseguição dos judeus em muitas terras. Aconselhamos aos cristãos que se libertem do ódio racial e da facilidade com que participam dos preconceitos populares que sustentem, inconcientemente, tais perseguições.

Conquanto a Igreja Cristã não seja chamada a determinar os aspectos puramente técnicos do Governo, os cristãos deveriam entregar-se à promoção da cooperação internacional. Um sistema efetivo de organização internacional é necessário para prover meios pacíficos e legais no sentido da mudança política e econômica, e no sentido de coordenar diretrizes nacionais na solução de problemas econômicos e sociais. Deveria tambem abrir o caminho para o desarmamento, o que é essencial, se quisermos que as nações evitem a guerra e a desgraça. O Direito Internacional deveria ser desenvolvido para resolver as necessidades da atualidade e para realizar esforços em descobrir meios justos e ade-

quados para a solução mundial. Muitos admitem que a adesão a uma organização internacional impeliria os cristãos a rejeitar qualquer ação militar (a não ser a defesa da invasão da pátria), antes de obter um meio genuino e sincero de resolver as questões por métodos pacíficos de ajustamento, tais como arbitragem, etc.

2. Deveres e Oportunidades dos Cristãos em Tempos de Conflito

Especialmente em situações de conflito aberto, a manutenção do padrão de justiça cristã e de misericórdia, torna-se logo mais urgente e mais dificil. Esse padrão está acima de qualquer interesse nacional, e os cristão devem aplicá-lo com mais rigor a si mesmos, aos seus próprios grupos e nações, do que a outros.

"A guerra é uma demonstração especial do poder do pecado neste mundo. Nenhuma justificativa da guerra poderá empanar esta verdade". A guerra moderna é tão devastadora e desmoralizadora que seu uso como instrumento repressivo não pode ser defendido.

Há diferença de pontos de vista a respeito da eliminação da guerra: — uns esperam que a eliminação da guerra se realize pelo poder de Deus, operando na história pela iluminação religiosa e moral dos homens e pelo exercício de suas vontades livres. Outros consideram o homem tão ligado às necessidades do mundo pecador que a guerra só poderá ser eliminada como consequência da vinda gloriosa de Cristo.

Sobre a ação individual do cristão em caso de guerra, há divergência de opinião. Alguns crêm que ele deveria examinar concienciosamente as causas, objetivos e resultados provaveis do conflito, sabendo que não existe outro aspecto da vida em que a propaganda e a pressão social têm mais eficiência; e deveria obedecer à chamada do Estado para lutar, somente se estivesse convicto de que a guerra é justa e necessária. Outros acham que se é da responsabilidade do Estado, sob a orientação de Deus, determinar as questões de guerra e de paz e visto ser impossivel ao indivíduo chegar a um juizo independente sobre as razões da guerra, ele deve obedecer à chamada às armas.

A EMPRESA MISSIONÁRIA E A ORDEM INTERNACIONAL

Na empresa missionária o movimento cristão faz uma contribuição indispensavel à ordem internacional. A desordem universal procede, em última análise, do fato que os homens e as nações permanecem egoisticamente em seus poderes, privilégios e posses, até que sejam compelidos a partilhá-los pela força. O movimento missionário brota de um sentimento de gratidão a Deus, que nos deu o que ele tinha de melhor para nós, em Cristo, e de um profundo desejo de partilhar qualquer cousa boa que tenhamos, e acima de tudo, o próprio Evangelho, com os homens de todos os povos e nações. Nesta esfera pode ser alcançado o mais elevado nivel de contactos internacionais e inter-raciais.

O verdadeiro missionário exerce sua influência como amigo, e não como mandante, ou explorador. O serviço desinteressado esclarece bem o amor de Deus para com todos, especialmente em se tratando dos desprezados e humildes. Sob a égide desse empreendimento, povos diversos congraçam-se como irmãos, e não como rivais ou inimigos, e por meio desse congraçamento alcançam uma apreensão nova das riquezas de Cristo e uma compreensão mais cordial, uns dos outros. A barreira que separa as nações e as raças rompe-se pela comunhão cada vez mais ampla da Igreja ecumênica.

O conflito e as dificuldades internacionais intensificam os problemas do missionário. Por certo, ele deve identificar-se com as melhores aspirações e interesses do povo a quem serve, em todas as cousas, procurando o seu bem-estar. Ao mesmo tempo, deverá sempre estar conciente da comunhão mundial que ele representa, e da cidadanía comum de todos os cristãos no Reino de Deus. Deve ser firme em sua dedicação aos padrões cristãos da verdade e do direito. Deve aproximar o país em que trabalha do a que pertence, e assim promover a compreensão internacional. Desse valioso serviço de interpretação, todos os cristãos que têm contatos internacionais devem participar. O missionário deve evitar cuidadosamente até mesmo a aparência de estar servindo a qualquer interesse egoista de sua própria nação. Deve reconhecer, particularmente, as suas limitações e obrigações como hóspede no país em que trabalha. Muitas vezes o missionário é chamado para efetuar o ministério da reconciliação. Ou poderá prestar

serviço especial desafiando e espondo formas flagrantes de exploração e opressão. Em todos os tempos o verdadeiro missionário é um mensageiro de Cristo e um expoente de seu grande amor.

Considerando a situação internacional presente, o valor do carater universal do movimento missionário é maior do que se supõe. Estamos, portanto, profundamente angustiados em face do número de paises que proibem o trabalho missionário em seus limites. Alguns paises tambem fazem discriminações contra missionários de certas nacionalidades ou Igrejas. Admitindo-se que em situações excepcionais, uma região perturbada venha a fechar temporariamente o trabalho missionário, devemos contudo protestar contra o fechamento sistemático e prolongado de paises inteiros, e pediríamos ao Conselho Internacional de Missões que considerasse o assunto perante as respectivas autoridades. Pedindo o direito de levar o Evangelho a todos os povos, reconhecemos que os missionários devem estar concientes de todos os efeitos de suas atividades, de modo que essas atividades sejam uma força construtiva em cada sociedade.

As sociedades missionárias devem demonstrar o carater ecumênico da empresa missionária, considerando seriamente a nomeação de outros missionários nacionais alem dos seus próprios missionários. Assim, poderiam dar oportunidades de serviço a homens e mulheres de paises que não tem sociedades missionárias, ou não podem enviar todos os que estão preparados e manifestem

desejo de trabalhar. Isso teria o valor adicional de alargar o carater internacional da empresa missionária.

O problema da Igreja e da ordem internacional pode ser convenientemente estudado no espírito e na comunhão da Igreja Ecumênica. É evidente, tambem, que a compreensão obtida dessa maneira pode ser corporificada somente na vida dos homens, à medida que as igrejas locais e regionais através do mundo procuram, no pensamento, na oração e na ação, o verdadeiro caminho do testemunho, de conformidade com as respectivas circunstâncias. Temos uma convicção profunda de que a Igreja tem uma oportunidade e uma responsabilidade única de levar o Evangelho ao mundo neste período trágico, olhando humildemente para Deus, afim de que ele abençõe esse testemunho e o use para o seu propósito de misericórdia. A sabedoria de Deus jamais fracassou, e a sua mão misericordiosa ainda não se retraiu, de modo que não possa salvar.

XV

A IGREJA E O ESTADO

A ATITUDE POSITIVA DA IGREJA

Nossa convicção básica é que a atitude da Igreja (e com isto queremos dizer a Igreja, como organização, e tambem os seus membros individualmente) para com o Estado deve ser positiva e construtiva, e não meramente negativa e crítica. A Igreja deve reconhecer com gratidão a função do Estado, como preservador da lei e da ordem, sem o que a sociedade se desintegraria, e tambem como um instrumento para a promoção de uma vida comum melhor e mais ampla. Lealdade sincera e dedicada obediência devem ser a atitude normal da Igreja. A Igreja, pois, deve orar continuamente pelo povo, pelo Estado e pelo Governo.

Há uma contribuição que a Igreja, e só a Igreja, poderá prestar ao bem comum, e, se fracassar, falhará em parte ao cumprimento do seu dever. Será a sua insistência no reconhecimento, em toda a legislação, administração e jurisdição, daqueles princípios fundamentais de

justiça que só exaltam uma nação. Ainda que a Igreja se empenhe continuamente no exame desses princípios, sua mera presença deve lembrar ao Estado que está sujeito a limitações. Alem disso, a Igreja deve trabalhar constantemente no sentido de uma elevação progressiva dos padrões da vida nacional. Deve procurar influir na mente pública com um espírito cristão e preparar homens e mulheres cristãos com este objetivo. Deve denunciar os males sociais, econômicos e cívicos, despertando e educando a opinião pública nesse sentido e auxiliando o Estado na remoção desses males.

A Igreja pode tambem cooperar na promoção do bem-estar de seus cidadãos. Influirá melhor se não se identificar como organização com os movimentos ou programas especiais, para que não enfraqueça seu testemunho espiritual e para que não perca aquele poder de crítica construtiva que a capacite a julgar tudo à luz de padrões elevados. Pela defesa corajosa e positiva de princípios, e onde possivel, de fatos concretos, e pelo estímulo aos seus membros para que compartilhem como cidadãos a vida da comunidade, a Igreja pode ajudar a guiar e servir o Estado.

A história das igrejas mais novas justifica o que afirmamos, pois, a influência de estadistas cristãos na vida nacional é um fato, havendo, assim, possibilidade da comunidade cristã fazer uma contribuição muitas vezes alem de toda a proporção de seus membros. Muitos serviços públicos foram iniciados pela Igreja Cristã e pelos seus representantes missionários, e muitos males públicos expostos e abolidos.

A Igreja deve criticar o Estado sem temor, quando este abandona os princípios da justiça. Sua lealdade a Deus e à sua própria conciência, e a sua defesa da justiça são, em última análise, a melhor defesa do próprio Estado. Mas a história mostra que há três perigos que confrontam cada igreja. Há sempre o grave perigo de que a Igreja, em seu desejo de servir, permita que seu próprio pensamento seja controlado pelo da maioria do povo. Segundo, a Igreja poderá tornar-se tão dependente do Estado ou ficar tão completamente sob sua influência, que deixe de exercer função positiva e construtiva de crítica. Finalmente, a pressão do Estado poderá persuadir a Igreja a isolar-se de qualquer serviço público em benefício da nação e do povo.

XVI

COOPERAÇÃO E UNIDADE

RECOMENDAMOS:

1. Que se façam estudos visando a obter cooperação na disciplina da Igreja, com referência ao tratamento dos cristãos que estão sob disciplina, quanto ao casamento e outros costumes inerentes à estrutura social do povo.

2. Que a organização de instituições de cooperação seja de novo examinada à luz do princípio de que a Igreja nativa deve ter parte saliente na determinação dos planos e métodos de trabalho, como parte integrante de toda a obra cristã.

3. Que um esforço constante seja feito pelo Conselho Internacional de Missões e pelos Concílios Nacionais para obter a cooperação ativa dos grupos evangélicos que estão fora de nossa comunhão atualmente.

4. Que os Conselhos Cristãos Nacionais sejam animados a encetar entendimentos sobre planos de coopera-

ção para toda a empresa cristã, em seus campos respectivos, e que as Juntas de Missões e as Igrejas, nos campos, entrem em entendimento com os Conselhos Cristãos Nacionais sobre a matéria.

5. Que em vista da evidente direção de Deus e da suprema urgência do apelo em favor da união orgânica, da parte das Igrejas mais novas, as Igrejas mais antigas tomem isto a peito, com a maior consideração e no espírito de oração.

XVII

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES ESPECIAIS

AMÉRICA LATINA

Recomendamos:

Primeiro — Considerando a importância vital da América Latina nos negócios do mundo e a influência que o movimento protestante pode exercer no estímulo e alimento da vida social, moral e espiritual de uma civilização que se desenvolve e dirigí-la aos seus altos destinos; e considerando o carater complexo dos problemas que defrontam as Igrejas mais novas nos campos das delegações das Igrejas da América Latina, respeitosamente pedimos ao Conselho Internacional de Missões, que empreenda, tão cedo quanto possivel, através do Departamento de Pesquisa Social e Econômica e, em consulta com os respectivos Conselhos Cristãos Nacionais, a investigação dos seguintes problemas especiais:

1. A base social e econômica das Igrejas Protestantes na América Latina.

2. As condições sociais e econômicas da população dos índios.

3. A experiência do México na reconstrução social e econômica por meio das agências do Governo e sua influência sobre o movimento Protestante.

4. O movimento trabalhista nos paises Latino Americanos e sua influência sobre as Igrejas Protestantes.

Segundo — Considerando o crescimento animador das Igrejas mais novas nos vários paises da América Latina e o novo lugar que elas gradualmente tomam no Conselho Internacional de Missões, e no movimento ecumênico, em seu todo; e considerando a necessidade urgente de conselhos orientadores das forças missionárias na consolidação de ganhos obtidos com esforço, e no estabelecimento de projetos progressivos para o futuro, essas delegações, respeitosamente, solicitam ao Conselho Internacional de Missões e seus colaboradores, que promovam para breve a visita do Dr. John Mott aos principais campos da América Latina, com os seguintes fins específicos em vista:

1. Fortalecer o trabalho dos Conselhos Cristãos Nacionais existentes, como no México, Brasil e Repúblicas do Prata, e colocar à sua disposição seu próprio conselho valioso e a rica experiência acumulada pelo Conselho Internacional de Missões.

2. Estimular a formação de outros Conselhos Cristãos Nacionais onde houver necessidade e levá-los à

relação e comunhão efetiva com o Conselho Internacional de Missões.

3. Auxiliar com a sua presença dinâmica, exemplo e conselho a aplicação das resoluções da reunião de Tambaran.

4. Estimular as Igrejas mais novas da América Latina a pensar em conjunto, fazer planos coordenados e estabelecer ação conjunta, com referência à missão mundial do Cristianismo.

5. Interpretar às Igrejas Cristãs doutras parte do mundo a significação da América Latina na situação mundial contemporânea.

AS IGREJAS MAIS NOVAS E MAIS ANTIGAS

I. *As Igrejas Mais Antigas precisam das Mais Novas*

1. À medida que as Igrejas mais novas se tornam mais forte e mais hábeis quanto à liderança, elas vão contribuindo para um enriquecimento da interpretação de nosso Mestre e compreendendo melhor "a medida e estrutura da plenitude de Cristo". O testemunho mais valoroso no Ocidente nos dias de hoje provem muitas vezes de uma visão mais larga e de um espiritualidade mais profunda das Igrejas mais novas.

2. O ideal da Igreja Universal deve ser mantido perante nós. A tendência para nos limitarmos aos problemas locais ou nacionais é mundial, e quando uma

Igreja se torna verdadeiramente nacional, isso produz facilmente uma séria limitação de visão. A presença do missionário faz ressaltar esse princípio às Igrejas mais novas, mas é de grande importância tambem que os embaixadores de Cristo das Igrejas mais novas façam ver a grandeza desse princípio às Igrejas mais antigas, já um tanto inclinadas a se esquecerem do carater universal da Igreja.

3. Há atualmente o perigo de desentendimentos entre os guias das Igrejas mais novas e os membros das Igrejas mais velhas. Muitos indagam se realmente a capacidade dos guias nacionais ainda não atingiu a um certo ponto de modo que os missionários possam ser dispensados e colocados em novos campos de trabalho.

II. *As Igrejas Mais Novas tem necessidade Especial das Mais Antigas*

Seus guias apresentam as seguintes considerações:

1) Que haja a menor referência possivel sobre finanças. O sustento próprio tem sido martelado demais, como uma preliminar necessária para o governo próprio. O auxílio financeiro não deve constituir barreira ao mais amplo desenvolvimento das Igrejas mais novas.

2) Quando o auxílio financeiro vier do estrangeiro, a administração dos fundos deveria ficar com a Igreja no local onde esses fundos são gastos.

3) As Igrejas mais antigas devem reconhecer as obrigações que surgem do estabelecimento de Igrejas mais novas, como resultado de seus esforços. Uma retirada prematura constitue grave perigo.

4) A contínua presença do missionário é essencial:

a) para o incentivo das relações entre as Igrejas mais novas e as mais antigas.

b) para dar ênfase ao carater internacional e cooperativo da empresa.

c) para colocar à disposição dos campos as ricas experiências e heranças espirituais das Igrejas mais antigas.

5) Há pedidos cada vez mais insistentes de missionários preparados para tarefas específicas, inclusive em tipos diferentes de evangelismo. O grande objetivo, contudo, é que os missionários sejam homens e mulheres que tenham o amor de Cristo, compreensão e simpatia, e que estejam prontos a compartilharem a iniciativa e direção das Igrejas nacionais.

6) As Igrejas mais novas inquietam-se com a excessiva preocupação denominacional. A unidade orgânica é essencial para a solução de situações, em muitos setores. O problema deve ser estudado pelas próprias Igrejas mais novas, e será resolvido, se se sentir evidência de orientação divina. A união de Igrejas não pode ser obtida de presente; tem de ser conquistada.

7) As Missões de Fraternidade entre as Igrejas mais novas e as Igrejas mais antigas são reconhecidas como importantes fatores de auxílio mútuo e de união em Cristo.

8) As seguintes sugestões foram feitas, como princípios que devem orientar as visitas de embaixadas das Igrejas mais novas às mais antigas.

a) que realizem essas visitas como embaixadores de Cristo.

b) para compartilhar as experiências cristãs, sem quaisquer motivos ulteriores.

c) que sejam representantes dignos da intelectualidade e espiritualidade de suas Igrejas.

d) que parte das despesas sejam pagas pelas Igrejas mais novas.

9) Sugere-se a criação de novo campo missionário, alhures, como empresa conjunta de Igrejas novas e Igrejas antigas.

A IGREJA E OS PROBLEMAS RURAIS

1) A Igreja deve continuar agindo como pioneira, tanto nos campos rurais ainda não atingidos, como em velhos campos em que se podem aplicar novos métodos.

2) O programa para as igrejas rurais precisa de amplo estudo e muitas experiências técnicas, até que

se torne parte do pensamento e da vida da igreja rural em todas as regiões. O programa deve incluir:

a) agricultura mais desenvolvida.

b) melhor saude.

c) melhor recreação.

d) melhores casas.

e) melhor organização econômica.

f) desenvolvimento do horizonte intelectual.

g) enriquecimento da vida rural:

1. pela música.
2. pelo drama.
3. por outras formas de arte.

h) desenvolvimento do espírito da comunidade.

i) prégação, ensino, adoração, comunhão e serviço.

3) Deve haver uma cooperação mais íntima entre instituições cristãs e forças cristãs, se quisermos solucionar as questões rurais e fortalecer a Igreja rural. Instituições cristãs de ensino secundário e superior — Escola de Medicina e Hospitais, agências sociais e outras organizações mais amplas, devem unir seus esforços no sentido da reconstrução rural.

4) O alistamento e educação de novos tipos de trabalhadores cristãos rurais é essencial para se prosseguir no avanço. Homens e mulheres com um grande amor pelo povo rural deverão ser encontrados, para

que se dediquem completamente ao serviço rural. As igrejas rurais reclamam pastores, evangelistas e obreiros, com uma nova visão da vida cristã na comunidade.

5) Agências como a "Fundação de Missões Agrícolas" devem ser estimuladas, afim de promover a causa das missões rurais e tornar possivel o intercâmbio de idéias e experiências entre os diversos paises.

Problemas Urbanos

Recomendamos:

1. Deve-se fazer da igreja urbana o centro de atenção e examinar as grandes possibilidades perdidas quanto à liderança de indivíduos preparados que se encontram nas cidades, particularmente o grande número de pessoas que receberam influência das escolas e dos hospitais evangélicos.

2. As forças cristãs em cada cidade devem, unidas, estudar de novo a situação, à luz dessas possibilidades, visando eliminar a duplicação de esforços e operar reajustamentos necessários para desenvolver um número maior de igrejas fortes.

3. Esforço especial deve ser feito para atrair jovens formados em instituições cristãs, afim de participarem da Igreja de Cristo.

4. Deve-se prover um desenvolvimento mais amplo da federação das igrejas da cidade.

O Lar Cristão

Para a grande maioria de mulheres, o lugar de maior oportunidade e serviço é o lar. Tornar o lar cristão e levar as crianças ao conhecimento de Deus e à comunhão de Jesús Cristo, é uma tarefa que requer toda a dedicação de u'a mulher. Em vista disso, é de importância vital que as mulheres cristãs, em toda a parte, sejam aconselhadas a envidar todos os esforços para a construção de um verdadeiro lar cristão, não poupando sacrifícios e usando de todos os meios ao seu alcance, afim de se preparem para essta tarefa importantíssima.

A Mulher na Igreja

Preocupamo-nos com o fato de que em certos paises, moças e mulheres de carreiras profissionais se estejam afastando da Igreja. Pela perda daquelas e destas, a Igreja perde a sua influência sobre a nova geração e fica privada do conselho de mulheres experimentadas.

Reconhecemos que a mulher em muitos paises tem prestado serviços construtivos em várias atividades. Cremos que um número maior de mulheres poderia ser posto ao serviço das Juntas e Concílios das Igrejas.

Deve-se cuidar do preparo da mulher, afim de que ela possa fazer uso da plenitude de seus talentos e oportunidades.

A unidade da Igreja não será realizada em sua plenitude, a não ser que todos os membros da Igreja, mulheres e homens, participem mais amplamente da sua gloriosa tarefa.

FIM